



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE**

**ROSEANE ARAÚJO DOS SANTOS**

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO OBJETO DE ESTUDO E ENSINO:  
UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**MACEIÓ**  
**2024**

ROSEANE DE ARAÚJO SANTOS

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO OBJETO DE ESTUDO E ENSINO:  
UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação na Linha de Pesquisa em Educação e Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Yana Liss Soares Gomes.

MACEIÓ

2024

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
Bibliotecário: Valter dos Santos Andrade – CRB-1251

S237v Santos, Roseane Araújo dos.

A variação linguística como objeto de estudo e ensino: uma análise de livros didáticos de língua portuguesa/ Roseane Araújo dos Santos. – 2024.  
78 f. : il.

Orientadora: Yana Liss Soares Gomes.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Centro de Educação, Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 76-78.

1. Variação linguística 2. Livro didático -. Língua portuguesa.  
3. Sociolinguística. 4. Sociolinguística variacionista. 5. Sociolinguística Educacional. I. Título.

CDU: 81'27



Universidade Federal de Alagoas  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO  
OBJETO DE ESTUDO E ENSINO: UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DE  
LÍNGUA PORTUGUESA

**ROSEANE ARAÚJO DOS SANTOS**

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora, já referendada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 12 de agosto de 2024.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 YANA LISS SOARES GOMES  
Data: 12/08/2024 15:09:23-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Yana Liss Soares Gomes (UFAL)  
Orientadora

Documento assinado digitalmente  
 ADRIANA CAVALCANTI DOS SANTOS  
Data: 12/08/2024 18:28:17-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Adriana Cavalcanti dos Santos (UFAL)  
Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente  
 JUSCELINO FRANCISCO DO NASCIMENTO  
Data: 12/08/2024 15:45:50-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento (UFPI)  
Examinador Externo

Ao maior amor da minha vida, Mãe! (*In Memoriam*)  
Que sem dúvidas estaria feliz e orgulhosa em ver a  
conquista desse sonho, pois sempre acreditou e  
vibrou em todas as conquistas de sua amada filha. O  
meu eterno, muito obrigada.

## AGRADECIMENTOS

Não chegaria até aqui sozinha, recebi o apoio e incentivo de muita gente durante o desenvolvimento desta pesquisa, e assim, se dão os meus agradecimentos.

Ao meu Senhor Deus e Pai, pois os planos de Deus são perfeitos e sou grata a tudo o que Ele faz. A Ele seja dada toda a honra, toda a glória, todo o louvor e toda a adoração, porque d'Ele, por Ele e para Ele são todas as coisas, Glórias, pois, a Ele.

À minha querida professora Dra. Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante, que foi a responsável por me permitir fazer parte do Programa de Pós-graduação. Grata pelo período de seleção, e pelo primeiro ano de orientação, por ter sido tão humana durante o período em que tive o prazer de ser orientada por ti.

À minha amada orientadora, professora Dra. Yana Liss Soares Gomes, sou grata por toda a sua empatia e humanidade durante todo o período em que tive o privilégio de contar com todas as vossas contribuições. Grata, pois fostes uma das minhas maiores incentivadoras, soube cobrar quando necessário, mas sempre demonstrando carinho e cuidado. Obrigada por confiar e me fazer sentir capaz de que chegaria até aqui. Obrigada por ter aceitado segurar a minha mão e me instruir para alcançar a realização deste sonho. Obrigada, professora Yana Liss, vossas contribuições e amizade são para além desta dissertação, são para a vida.

Aos professores componentes da banca examinadora, à professora Dra. Adriana Cavalcanti dos Santos e ao professor Dr. Juscelino Francisco do Nascimento, pelas contribuições na qualificação, que foram indispensáveis para o aprimoramento dessa dissertação, e pelo aceite em participar do momento da defesa.

A todos os professores do Programa de Pós Graduação, sou grata por todas as contribuições durante as aulas, todas as leituras, discursões e compartilhamentos, em especial ao professor Dr. Walter Matias e ao professor Dr. Silvio Gamboa (*In Memoriam*).

Aos meus colegas, e em especial à minha amiga Elisane Barbosa de Araújo, que sempre esteve ao meu lado, compartilhando leitura e produções acadêmicas. Grata por todo o incentivo e torcida para que eu chegasse até aqui.

À minha amiga de infância Roberta Rodrigues, que está ao meu lado em todos os momentos da minha vida, me incentivando em todos os meus projetos. À minha amiga Ana Paula de Oliveira Nunes, alguém que Deus colocou em minha vida para

me cuidar, sou grata por todo carinho, cuidado e amor, por todas as palavras de encorajamento e por ter confiado que tudo daria certo.

Ao meu irmão Nádson Araújo dos santos, meu maior exemplo. Obrigada por sempre acreditar em mim e me fazer enxergar que sou capaz de trilhar qualquer caminho que eu almeje percorrer. Seu amor e dedicação a mim sempre foi combustível para que eu não desistisse de meus sonhos e projetos. Obrigada por todo amor e dedicação que sempre destinou a mim.

Ao meu pai, por todo cuidado e dedicação à nossa família, por sempre abraçar meus sonhos e confiar. A minha mãe Elinete (*In Memoriam*), o meu maior amor. Me dói a alma não ter a sua presença na concretização de um sonho, o qual sonhastes juntamente comigo. Te perder durante este processo foi o momento mais difícil, saber que chegaria esse momento e você não estaria presente me fez, por muito tempo, pensar na angústia de não receber seu abraço e seu carinho num momento tão importante em minha vida acadêmica, grata por ter estado ao meu lado durante muitos momentos de escrita, sei que estou colhendo os frutos de suas orações. O amor não morre e a saudade dura para sempre. Por sempre te amarei Mãe.

À minha vovó querida, Dona Bila (*In Memoriam*), sei que sempre estive em vossas orações, o amor mais próximo do amor de mãe que eu sempre recebi. Eu também esperava que neste dia tão sonhado estarias ao meu lado, mas quisera Deus que não fosse assim; seguirei em busca de meus sonhos e realizações, certa de que colherei os frutos de vossas orações.

À toda a minha família, parentes e amigos, a minha gratidão por sempre torcerem por meu sucesso.

*Para dizerem milho dizem mio  
Para melhor dizem mió  
Para pior pió  
Para telha dizem teia  
Para telhado dizem teiado  
E vão fazendo telhados*

*(Oswald de Andrade)*

## RESUMO

Este estudo vincula-se ao projeto “Estudos de Linguagem, Crenças sobre Variação Linguística e Ensino: reflexões sobre práticas docentes” e tem como objetivo geral analisar a abordagem da variação linguística em Livros Didáticos de Língua Portuguesa dos Anos Finais do Ensino Fundamental de uma coleção aprovada pelo Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD), quadriênio 2024-2027. Teoricamente, esta pesquisa está fundamentada nos estudos da área da Sociolinguística, pois aborda o fenômeno da variação linguística enquanto objeto de estudo e análise no âmbito do ensino de Língua Portuguesa. Assim, os pressupostos da Teoria Variacionista e da Sociolinguística Educacional servem de base para uma discussão sobre os aspectos conceituais presentes nos livros didáticos analisados, assim como para uma reflexão sobre o lugar da variação linguística no componente curricular Língua Portuguesa, como determina a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo análise documental que se ocupou em analisar três livros (6º, 7º e 9º) da coleção “Português: Linguagens”. A análise dos materiais selecionados revelou que a variação linguística está presente de forma distinta nos livros da coleção “Português: linguagens”. O livro didático do 6º apresenta uma discussão conceitual mais aprofundada sobre o fenômeno da variação linguística, enquanto os livros do 7º e 9º ano enfatizam algumas atividades de análise da variação linguística. Os resultados da pesquisa demonstram que nos livros didáticos analisados há conceitos que introduzem uma discussão sobre a variação linguística, variedades, norma padrão, preconceito linguístico, fatores extralinguísticos e estrangeirismo. No entanto, questões referentes às variedades linguísticas desprestigiadas socialmente foram pouco exploradas. Observamos ainda que as seções que se destinam exclusivamente ao estudo da variação linguística, especialmente nos livros do 7º e do 9º ano, embora nos títulos (Análise linguística) de ambos os materiais tenham como foco a reflexão sobre a variação linguística, as atividades práticas dos livros pouco direcionaram o trabalho do professor de Língua Portuguesa para uma reflexão crítica em sala de aula com os alunos sobre os aspectos sociais, culturais e históricos que se relacionam à existência de inúmeras variedades linguísticas no português falado no Brasil, bem como sobre a necessidade de combater as formas de manifestação de preconceito linguístico que ainda estão presentes na escola e no contexto social dos alunos.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Livro didático. Variedade Linguística. Língua Portuguesa. Sociolinguística.

## ABSTRACT

This study is linked to the project “Language Studies, Beliefs about Linguistic Variation and Teaching: reflections on teaching practices” and its main objective is to analyze the approach to linguistic variation in Portuguese Language Textbooks for the Final Years of Elementary School from a collection approved by the National Book and Teaching Material Program (NBTMP), four-year period 2024-2027. Theoretically, this research is based on studies in the area of Sociolinguistics, given that the phenomenon of linguistic variation is an object of study and analysis within the scope of Portuguese Language teaching. Thus, the assumptions of Variationist Theory and Educational Sociolinguistics serve as the basis for a discussion on the conceptual aspects present in the textbooks analyzed, as well as for a reflection on the place of linguistic variation in the Portuguese Language curricular component, as guided by the Common Curriculum National Base (CCNB). This is a qualitative study, of the document analysis type, which analyzed three books (6th, 7th and 9th) from the “Português: Linguagens” collection. The analysis of the selected materials revealed that linguistic variation is present in a distinct way in the books in the “Português: languages” collection. The 6th grade textbook presents a more in-depth conceptual discussion on the phenomenon of linguistic variation, while the 7th and 9th grade textbooks emphasize some linguistic variation analysis activities. The research results demonstrate that in the textbooks analyzed there are concepts that introduce a discussion about linguistic variation, varieties, standard norms, among others. However, issues relating to socially discredited linguistic varieties have been little explored. We also note that the sections that are intended exclusively for the study of linguistic variation, especially in the 7th and 9th year books, even though the titles (Linguistic Analysis) of both materials focus on reflection on linguistic variation. The practical activities of the materials did little to direct the work of the Portuguese language teacher towards critical reflection in the classroom with students on the social, cultural and historical aspects that relate to the existence of numerous linguistic varieties in the Portuguese spoken in Brazil, as well as about the need to combat the forms of manifestation of linguistic prejudice that are still present at school and in the social context of students.

**Keywords:** Linguistic variation. Textbook. Teaching. Portuguese language. Sociolinguistics.

## LISTA DE QUADROS

|                                                                            |    |
|----------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Quadro 1</b> - Tipos de Variação.....                                   | 23 |
| <b>Quadro 2</b> - Classificação das Variedades Linguísticas.....           | 24 |
| <b>Quadro 3</b> - Descritivo das seções e tópicos analisados nos LDLP..... | 38 |

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                           |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 1</b> - Visão Geral do Guia Digital.....                                                        | 35 |
| <b>Figura 2</b> - Resenha da Coleção - Português: Linguagens.....                                         | 36 |
| <b>Figura 3</b> - Imagens dos Livros da Coleção “Português: Linguagens”<br>selecionados para análise..... | 37 |
| <b>Figura 4</b> - Sumário do livro do 6º ano.....                                                         | 40 |
| <b>Figura 5</b> - Trecho da entrevista apresentado.....                                                   | 41 |
| <b>Figura 6</b> - Conceituando Variedades Linguísticas.....                                               | 44 |
| <b>Figura 7</b> - Tipos de Variação Linguística.....                                                      | 44 |
| <b>Figura 8</b> - Variedades de Prestígio e Norma padrão.....                                             | 45 |
| <b>Figura 9</b> - Conceito de Norma-Padrão.....                                                           | 47 |
| <b>Figura 10</b> - Conceito de Variedade de Prestígio.....                                                | 48 |
| <b>Figura 11</b> - Discussão sobre preconceito linguístico.....                                           | 49 |
| <b>Figura 12</b> - Exercícios.....                                                                        | 50 |
| <b>Figura 13</b> - Tirinha.....                                                                           | 51 |
| <b>Figura 14</b> - Continuação do exercício.....                                                          | 52 |
| <b>Figura 15</b> - Sumário do Livro do 7º ano.....                                                        | 54 |
| <b>Figura 16</b> - Proposta de Análise Linguística .....                                                  | 55 |
| <b>Figura 17</b> - Infográfico I (segunda parte) .....                                                    | 56 |
| <b>Figura 18:</b> Atividade.....                                                                          | 57 |
| <b>Figura 19</b> - Continuação da atividade (parte I).....                                                | 58 |
| <b>Figura 20</b> - Conceituando da atividade (parte II).....                                              | 59 |
| <b>Figura 21</b> - Conceituando – Variação Linguística/Norma-Padrão.....                                  | 60 |
| <b>Figura 22</b> - Cordel – Você sabe o que é cordel?.....                                                | 61 |
| <b>Figura 23</b> - Exercícios.....                                                                        | 62 |
| <b>Figura 24</b> - Sumário do Livro do 9º ano.....                                                        | 63 |

|                                                                           |    |
|---------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 25</b> - Apresentação da seção “A língua em foco” .....         | 64 |
| <b>Figura 26</b> - Conceituando Estrangeirismo.....                       | 65 |
| <b>Figura 27</b> - Matéria Jornalística – Embaixadoras da autoestima..... | 66 |
| <b>Figura 28</b> - Exercícios – 9º ano II.....                            | 67 |
| <b>Figura 29</b> - Continuação da atividade.....                          | 68 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                  |           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                                                                         | <b>13</b> |
| <b>2 SOCIOLINGUÍSTICA: DO ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....</b> | <b>17</b> |
| 2.1 Sociolinguística: Contextualizando.....                                                      | 17        |
| 2.2 Variação Linguística: do fenômeno ao objeto de estudo no Ensino de Língua Portuguesa.....    | 21        |
| <b>3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, CURRÍCULO DE LÍNGUA PORTUGUESA E O LIVRO DIDÁTICO.....</b>            | <b>29</b> |
| <b>4 METODOLOGIA .....</b>                                                                       | <b>34</b> |
| 4.1 A Caracterização da Pesquisa.....                                                            | 34        |
| 4.2 Corpus de Análise .....                                                                      | 34        |
| 4.3 A Perspectiva de análise .....                                                               | 37        |
| <b>5 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA.....</b>                    | <b>40</b> |
| 5.1 Análise do Livro do 6º Ano.....                                                              | 40        |
| 5.2 Análise do Livro do 7º Ano.....                                                              | 54        |
| 5.3 Análise do Livro do 9º Ano.....                                                              | 63        |
| 5.4 Propostas de ensino dos livros: pontos e contrapontos.....                                   | 79        |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                               | <b>74</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                          | <b>76</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

No âmbito educacional, a temática da variação linguística está prevista desde a década de 1996, quando foram publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que passaram a orientar a construção de novos currículos de Língua Portuguesa (LP), a partir de uma concepção de língua como prática de interação social.

O reconhecimento da variação linguística como objeto de estudo é resultante dos inúmeros debates e das contribuições trazidas pelas pesquisas da Sociolinguística que, no Brasil, chegaram na década de 1980, a partir dos estudos de William Labov (1963; 1986) e Tarallo (1986). Gomes (2015) também destaca as contribuições das pesquisas filiadas à vertente de estudos intitulada por Stella Maris Bortoni de “Sociolinguística Educacional”, especialmente em relação à abordagem da variação linguística no contexto educacional brasileiro.

Na concepção dos sociolinguistas, a língua é heterogênea, múltipla e variável, posto que está em permanente mudança. Partindo dessa premissa, reconhecemos neste estudo que as escolas são espaços/lugares plurais e diversos, inclusive, no aspecto linguístico. Desse modo, o ensino de LP deve considerar a heterogeneidade linguística dos alunos e a diversidade social e cultural do povo brasileiro, contemplando o estudo do fenômeno da variação linguística, assim como a análise e a reflexão acerca das variedades de usos linguísticos.

Considerando o atual contexto educacional brasileiro, não há como negar que as instituições de ensino atendem a uma diversidade de alunos, os quais trazem consigo diferentes falares. Essas formas variadas de usos linguísticos estão diretamente relacionadas às culturas desses sujeitos e suas respectivas comunidades de falas<sup>1</sup>. Todavia, historicamente, as escolas têm sido levadas a ensinar a variedade linguística, norma padrão. Assim, tudo que se distancia dessa referência de uso da língua é visto como “defeituoso” e “errado”.

Segundo Gomes (2011, p. 97), a partir dos estudos de Faraco (2008), é sabido que nas escolas predominou por muito tempo o estudo da gramática normativa que sempre “[...] foi colocado como ponto central do ensino de Português”. Desse modo,

---

<sup>1</sup> É constituída por um grupo que compartilha um mesmo sistema normativo de valores na interpretação dos fenômenos linguísticos, bem como normas e atitudes do uso da linguagem.

nas aulas de Língua Portuguesa “[...] as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta” (Bortoni-Ricardo, 2005, p.14).

Segundo Gomes (2011), é impossível negarmos a presença da variação linguística, principalmente, nas escolas brasileiras, que recebem alunos de diferentes realidades sociais, econômicas, culturais, entre outras. No entanto, quando se trata do ensino de LP, o que se percebe na prática é a validação das noções de “certo” ou “errado” em relação aos usos linguísticos e modos de falar dos alunos. Gomes (2011, p. 96) acrescenta que “[...] a variação linguística tem sido por muitas vezes ignorada, à medida que esses órgãos de ensino retratam o Brasil sobre uma ótica homogênea [...]” e prioriza em muitos casos o ensino da chamada norma-padrão, ignorando as demais variedades de usos da língua

Nascimento, Carvalho e Monteiro (2015) mencionam a existência de uma “discrepância” em relação à teoria e a prática de sala de aula, posto que alguns professores de LP ficam receosos de discutir aspectos relativos à variação linguística. Em conformidade com os referidos pesquisadores, reconhecemos que a variação é “inerente às línguas”, e destacamos o caráter maleável que propicia a materialização de diversos usos linguísticos que sofrem influência do contexto sociocultural.

O interesse pessoal em realizar esta pesquisa surge a partir da nossa prática de ensino nos Anos Finais do Ensino Fundamental em escolas públicas. Enquanto professora de língua estrangeira da rede de ensino público no município de Coruripe<sup>2</sup> - AL, tivemos a oportunidade de ver e conviver com estudantes oriundos de diversas cidades, regiões e contextos sociais e culturais. E, em algumas situações em sala de aula, observamos que os próprios estudantes identificavam e questionavam o “porquê” de alguns objetos e alimentos serem nomeados de formas tão diferentes. O que resultou em projetos e atividades didáticas realizadas em sala de aulas para abordar de forma mais direta o fenômeno da variação linguística. Para tal intento, partimos da premissa que o estudo da variação linguística é muito importante quando se trata do ensino de língua, seja ela estrangeira ou materna.

A partir do convívio com crianças e adolescentes de realidades culturais e sociais tão distintas, que nos interessamos em investigar de que modo a variação linguística está presente nos livros didáticos e nos documentos que orientam o

---

<sup>2</sup> Município localizado no litoral sul do estado de Alagoas, a 90 km da capital Maceió. É uma cidade movida economicamente pela cultura da cana-de-açúcar, em que a indústria, por sua vez, atrai famílias de diversas regiões.

currículo de ensino da Língua Portuguesa, uma vez que muitos professores utilizam esses materiais como uma base para o direcionamento de suas práticas em sala de aula. Nesse sentido, pensamos em analisar livros aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e que são utilizados pelas escolas públicas brasileiras.

Com a nossa inserção no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na linha Educação e Linguagem, reafirmamos o interesse em investigar a variação linguística, e por escolhas teóricas e metodológicas, optamos por analisar livros didáticos de Língua Portuguesa, considerando que é a língua materna desta pesquisadora e de seus alunos.

Este estudo, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na linha Educação e Linguagem, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), integra o conjunto de pesquisas desenvolvidas pelo Grupo e Estudo e Pesquisa em Gramática Análise Linguística e Variação (GEGALV), em diálogo com as pesquisas do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didáticas da Leitura, da Literatura e da Escrita (GELLITE).

Nosso objeto de estudo é a abordagem da variação linguística em Livros Didáticos adotados em escolas públicas brasileiras; logo, interessa-nos compreender a seguinte questão: Qual o lugar da variação/diversidade linguística no currículo de ensino da Língua Portuguesa dos Anos Finais do Ensino Fundamental?

A problematização deste estudo foi delimitada a partir das seguintes questões norteadoras: De que maneira os livros didáticos abordam a temática da variação linguística? Quais aspectos conceituais vinculados à variação/diversidade e à mudança linguística são contemplados no estudo da Língua Portuguesa? Como as propostas dos livros didáticos relacionam os diversos usos linguísticos no currículo de Língua Portuguesa?

A partir dessas questões, definimos nosso objetivo geral da pesquisa: analisar a abordagem da variação linguística em Livros Didáticos de Língua Portuguesa dos Anos Finais do Ensino Fundamental de uma coleção aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), quadriênio 2024-2027.

Para alcançar o objetivo geral, lançamos mão de objetivos específicos, quais sejam: i) descrever a abordagem da temática da variação linguística nos livros selecionados para análise; ii) identificar os aspectos conceituais relativos à variação/diversidade e à mudança contemplados no estudo da língua; iii) refletir sobre

as propostas dos livros didáticos em relação aos usos diversos linguísticos e o currículo de ensino da Língua Portuguesa.

No que se refere aos aspectos metodológicos da pesquisa, trata-se de um estudo de abordagem qualitativa do tipo análise documental. O *corpus* deste estudo foi composto por três livros didáticos de Língua Portuguesa, dos anos finais do ensino fundamental, em uma coleção aprovada pelo PNLD.

Outrossim, esta dissertação está organizada em seis seções, distribuídas da seguinte forma: na parte introdutória, fazemos uma contextualização do objeto de estudo, bem como apresentamos as informações referentes às questões de pesquisa, aos objetivos e à justificativa do estudo.

Na segunda seção, é apresentado o referencial teórico da pesquisa, em que dialogamos sobre a Sociolinguística para discutirmos os princípios e os conceitos básicos para a compreensão do objeto de estudo. Na terceira seção realizamos uma discussão sobre o livro didático de Língua Portuguesa enquanto recurso didático disponibilizados às escolas públicas brasileiras pelo PNLD, dialogando com as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Na quarta seção, apresentamos os aspectos metodológicos da pesquisa, o detalhamento da abordagem qualitativa, o percurso de seleção do *corpus* do estudo, os procedimentos de análise documental e a perspectiva de discussão dos dados. Na quinta seção, realizamos a análise documental dos livros didáticos de uma coleção de Língua Portuguesa aprovados pelo PNLD, selecionados em função dos critérios previamente estabelecidos; e apresentamos uma reflexão sobre os dados encontrados a partir do diálogo com as orientações curriculares e os pressupostos da Sociolinguística.

Por fim, na sexta seção, apresentamos as considerações finais da pesquisa, avaliando sua relevância para a educação e pensando nas implicações dos resultados encontrados para o ensino de Língua Portuguesa e o estudo da variação linguística nas escolas brasileiras.

## 2 SOCIOLINGUÍSTICA: DO ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Nesta seção teórica, discorreremos sobre os pressupostos que fundamentam esta pesquisa. Em um primeiro momento, apresentamos uma contextualização sobre a Sociolinguística, enquanto área da linguística que se debruça sobre os estudos da língua em uso pela sociedade, com destaque para o fenômeno da variação linguística. Em um segundo momento, realizamos uma discussão sobre aspectos relacionados à variação e à mudança linguística, assim como a sobre o currículo e ensino e os livros didáticos de Língua Portuguesa.

### 2.1 Sociolinguística

O termo Sociolinguística foi usado pela primeira vez em um evento realizado em 1964, na University of California, Los Angeles (UCLA). De acordo com Gomes (2014), o marco introdutório da Sociolinguística, enquanto uma subárea de estudos linguísticos, deu-se no congresso organizado por William Bright, o qual reuniu um grupo de estudiosos interessados em discutir a correlação entre os aspectos linguísticos e os sociais, dentre eles destacamos: John Gumperz, William Labov, Dell Hymes, John Fisher.

Em 1966, dois anos após o congresso na UCLA, William Bright organizou e publicou os trabalhos com o título *Sociolinguistic* (Alckmin, 2006). Nessa obra, Bright escreveu o texto que foi publicado posteriormente no Brasil sob o título “As dimensões da Sociolinguística”, no qual é descrito o foco de interesse na nova área de estudos: “A tarefa da sociolinguística é, portanto, demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção” (Bright, 1974, p. 17).

De acordo com Bright, ao romper com a ideia de que as línguas eram homogêneas e uniformes, os estudiosos da Sociolinguística elegem a diversidade linguística como objeto dessa subárea de estudos da Linguística, que estuda a língua levando em conta seu funcionamento e os seus diversos usos.

O principal pesquisador da Sociolinguística é, certamente, William Labov, conhecido pelas suas teorias e metodologias de pesquisa em uma nova área de estudos. Conforme Alckmin (2006), William Labov deixou uma de suas maiores

contribuições, que se constituiu em um método quantitativo de análise da língua, ao investigar a estratificação do inglês em Nova Iorque - EUA.

A partir de suas pesquisas sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts (Estados Unidos), em 1963, e sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque, em 1966, William Labov propôs o estudo da língua vinculado aos contextos sociais, considerando diversas variáveis, tais como: sexo, idade, ocupação, origem étnica (Tarallo, 1986).

Na obra "Sociolinguistic Patterns", publicada em 1972, Labov apresentou os postulados teóricos e metodológicos para estudos sociolinguísticos que seguem essa vertente Variacionista, que no Brasil, conforme Bagno (2008 p. 9), encontrou "[...] um dos campos mais férteis para a aplicação de seus postulados teóricos e de sua metodologia de trabalho empírico".

Dentre as pesquisas sociolinguísticas no contexto brasileiro, vale a pena destacar o pioneirismo do pesquisador Fernando Tarallo, que na década de 1980 publicou o livro "A Pesquisa Sociolinguística". Essa obra é considerada um clássico do modelo de pesquisa laboviano, tendo em vista que apresenta uma análise de forma mais objetiva sobre teoria, método e objeto na área da Sociolinguística.

Para Tarallo (1986), William Labov, em suas pesquisas, destaca a forte relação entre língua e sociedade, ao passo que reconhece a sistematização da variação presente na língua falada. O linguista americano realizou trabalhos sobre a relação da língua (no caso a língua inglesa e suas variedades), destacando os fundamentos teóricos e metodológicos essenciais a essa nova área de investigação da linguística, a Sociolinguística Variacionista ou também conhecida como Teoria da Variação.

A Sociolinguística firmou-se, de fato, a partir das pesquisas de William Labov. E desde então, a Teoria da Variação está em evidência nos estudos linguísticos; dentre as razões pelas quais tem sido bastante referenciada, podemos ressaltar a possibilidade de sistematizar as variações da língua em diferentes contextos de uso (Lopes, 2000).

Segundo Tarallo (1986), o modelo de análise usado por William Labov em 1963, em sua pesquisa sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard e em Nova Iorque, é conhecido como uma vertente de estudo quantitativa, uma vez que se utiliza de dados estatísticos para investigar os usos linguísticos. Diferentemente de outras abordagens linguísticas, a Sociolinguística Variacionista parte do princípio de que a diversidade presente na fala pode ser estudada de maneira consistente.

De acordo com Costa (2014), as abordagens de estudos sociolinguísticos de natureza quantitativa se destacam pela metodologia de pesquisa usados nos estudos de William Labov:

As abordagens Sociolinguísticas na perspectiva laboviana tiveram uma aceitação muito grande, possivelmente, em função de seus procedimentos metodológicos em relação ao sistema linguístico como um todo, principalmente na dimensão da sincronia, sem contudo, perder de vista a dimensão diacrônica ao estudar a mudança linguística [...] (Costa, 2014, p. 38).

Como pudemos observar em Costa (2014), os estudos labovianos têm uma boa aceitabilidade no meio acadêmico, sobretudo por buscarem relacionar as características da língua durante um dado período de tempo, a sincronia, e também por se relacionar, incidir, as mudanças que a língua apresenta ao longo do tempo.

A Sociolinguística, enquanto uma subárea de estudo da Linguística, analisa o uso da língua dentro das comunidades de fala, de modo a concentrar-se em um tipo de pesquisa que relaciona aspectos linguísticos e sociais. Conforme Alckmin (2006, p. 31), o objeto de estudo da Sociolinguística é a “[...] língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”. Logo, seu “ponto de partida” deve ser a comunidade linguística, formada por um grupo de pessoas que “[...] interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de formas com respeito aos usos linguísticos” (Alckmin, 2006, p. 31).

Segundo Mollica (2015), na atualidade percebemos a Sociolinguística em contextos interdisciplinares, na interseção entre língua e sociedade, concentrando-se, principalmente, nos usos linguísticos. Logo, seu objeto de estudo é:

[...] a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos (Mollica, 2015, p. 9).

A Sociolinguística é uma subárea dentro dos estudos linguísticos e possui interdisciplinaridade com várias áreas de interesse e temas de investigação nessa interface língua e sociedade. Nosso entendimento, neste estudo, é que pelo viés da Sociolinguística é possível adotar uma perspectiva interdisciplinar ou transdisciplinar, tendo em vista que essa subárea de estudos linguísticos mantém relações com outras áreas do conhecimento, como a Educação e o ensino de Língua Portuguesa.

Bagno (2004) explica que no Brasil, Stella Maris Bortoni-Ricardo foi uma das pesquisadoras pioneiras dessa vertente de estudos sociolinguísticos, que congrega estudos e abordagens teóricas de outras áreas do conhecimento. Bortoni-Ricardo destaca sob o rótulo “Educacional” as pesquisas sociolinguísticas de diferentes vertentes (qualitativas e quantitativas) com foco na investigação de aspectos linguísticos voltados para o contexto educacional.

Segundo Bortoni-Ricardo (2017), a “Sociolinguística Educacional” representa:

[...] o esforço de aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em proposta de trabalho pedagógico mais efetiva. Para isso, o paradigma incorpora resultados de estudos sociolinguísticos quantitativos e qualitativos, enriquecendo-os como subsídios oriundos de áreas afins, como a pragmática, a linguística do texto, a linguística aplicada e a análise do discurso (Bortoni-Ricardo, 2017, p. 158).

Bortoni-Ricardo (2005, p. 127-128) explica que a “[...] sociolinguística educacional” representa os estudos sociolinguísticos que visam “[...] contribuir para o aperfeiçoamento do processo educacional, principalmente na área de ensino de língua materna”. Nesse sentido, compreendemos que essa vertente de estudos da Sociolinguística pode nos ajudar a discutir a questão da variação linguística no ensino de Língua Portuguesa.

Mollica (2015) destaca a importância de se investigar a realização dos fenômenos linguísticos na sociedade com um olhar para as práticas sociais e escolares dos sujeitos, sobretudo sob a ótica da educação. Esse é o nosso entendimento ao analisarmos o tratamento do fenômeno da variação em livros didáticos de Língua Portuguesa.

A ideia desta pesquisa é relacionar as contribuições dos pressupostos teóricos dos estudos sociolinguísticos de natureza quantitativa, ou seja, da Teoria Variacionista sob a influência dos trabalhos de William Labov para a compreensão do fenômeno da variação linguística; além de compreender a incorporação deste objeto de estudo no contexto educacional, a partir do diálogo com as orientações para o componente curricular Língua Portuguesa (Anos Finais do Ensino Fundamental).

Na próxima subseção, apresentamos uma discussão acerca do estudo da variação linguística, considerando os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista e da Educacional.

## **2.2 Variação Linguística: do fenômeno ao objeto de estudo no Ensino de Língua Portuguesa**

Nesta subseção, apresentamos uma discussão acerca da variação linguística, enquanto fenômeno de estudo dentro da Sociolinguística Variacionista, como também em relação aos pressupostos teóricos da mudança e variação linguística no campo educacional, mais especificamente, no âmbito do ensino de Língua Portuguesa.

Para introduzir uma discussão sobre a variação linguística, citamos Tarallo (2007) ao refletir sobre a correlação entre o fenômeno da variação e mudança. Conforme o autor: “Nem tudo o que varia sofre mudança, toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação” (p. 63). Dessa explicação de Tarallo (2007) sobre os usos linguísticos, é possível percebermos que toda mudança pressupõe a variação, ou seja, o fenômeno da variação linguística é o resultado de um processo de mudança da língua, todavia nem toda variação provoca mudança.

Labov (2008, p. 214), na Obra “Padrões Sociolinguísticos”, argumenta acerca do mecanismo da mudança linguística afirmando que “[...] as pressões internas, estruturais, e as pressões sociolinguísticas agem em alternância sistemática no mecanismo da mudança linguística”. Em síntese, isso significa que o fenômeno da variação linguística é provocado pelas mudanças decorrentes da influência dos fatores internos e externos.

Bortoni-Ricardo (2017), citando Labov (1983), destaca que o fenômeno da variação está presente em todas as línguas humanas naturais, tanto nas línguas orais quanto nas línguas espaço-visuais. Essa realização é inerente ao sistema linguístico e se manifesta tanto na fala de uma comunidade quanto na fala individual.

Os estudos sobre variação e variáveis linguísticas se destacaram, sobretudo, devido à consolidação de base teórica a partir das pesquisas de William Labov (Tarallo, 1986). Nessa seara, partindo dos pressupostos da Teoria da Variação Linguística, discutiremos sobre os seguintes conceitos: variação, variantes e variedades linguísticas.

Conforme Mollica (2013, p. 9), “Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas”. A partir dessa compreensão, a autora explica que a variação linguística é um “[...] fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas

variantes” (p.10). Ela usa o termo “variável” para representar o fenômeno em variação e seus respectivos fatores que podem ser de ordem social ou estrutural.

Segundo Tarallo (1986, p.8), “[...] em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação”. Para o referido pesquisador brasileiro, é preciso distinguir os conceitos de variantes e variável linguística.

[...] “Variantes linguísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística” (Tarallo, 1986, p. 8).

De acordo com Tarallo (1986), as variantes linguísticas representam os diferentes modos de se referir a mesma coisa em uma determinada situação de comunicação, enquanto as variáveis linguísticas representam um grupo de variantes. Logo, é possível percebermos que o estudo da variação linguística pressupõe a compreensão desses dois conceitos.

Alkmin (2006, p. 33) corrobora com Labov e Tarallo ao reconhecer que:

[...] Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades (Alkmin, 2001, p. 33).

Alkmin (2006) argumenta acerca da heterogeneidade linguística, uma vez que concebe que todas as línguas são compostas por um conjunto de variedades linguísticas. Desse modo, podemos dizer que a língua portuguesa usada no Brasil, assim como em outros países, abrange os diferentes usos assumidos pelos seus falantes em cada comunidade de fala.

A partir da noção da heterogeneidade, “[...] a Sociolinguística afirma que, toda língua é um feixe de variedades” (Bago, 2007, p. 47). Ao afirmar que a língua possui variação, implica dizer, mais uma vez, que ela é heterogênea “[...] a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente *heterogênea*, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução” (Bago, 2007, p. 36).

É importante reconhecer o princípio da heterogeneidade linguística, pois segundo Bago (2007, p.39), “[...] a variação não é aleatória”, mas sim estruturada. Para o pesquisador brasileiro, a concepção de língua trazida pela da Sociolinguística reconhece que toda língua é heterogênea e diversificada:

Dizer que a língua apresenta variação significa dizer, mais uma vez, que ela é heterogênea. A grande mudança introduzida pela Sociolinguística foi a concepção de língua como um “substantivo coletivo”: debaixo do guarda-chuva chamado LÍNGUA, no singular, se abrigam diversos conjuntos de realizações possíveis dos recursos expressivos que estão à disposição dos falantes (Bagno, 2007, p. 39).

Conforme Labov (2008), a língua é um fato social caracterizado pela heterogeneidade linguística, de modo que permite diversas variações. Nesse sentido, não é possível entender os fatores relativos à mudança linguística e à variação linguística sem levar em conta a correlação entre os usos linguísticos e os fatores sociais.

Segundo Bagno (2007), a variação ocorre em todos os níveis da língua e são relacionadas a diversos fatores dentro de uma comunidade de fala. No quadro a seguir, podemos observar uma síntese da classificação que Bagno chama de “variação sociolinguística”:

**Quadro 1 - Tipos de Variação.**

|                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|---------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Varição Diatópica   | “é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de <i>lugares diferentes</i> , como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc. O adjetivo DIATÓPICO provém do grego DIÁ-, que significa “através de”, e TÓPOS, “lugar”.” |
| Varição Diastrática | “é a que se verifica na comparação entre os modos de falar de diferentes <i>classes sociais</i> . O adjetivo provém de DIÁ-, e do latim STRATUM, “camada, estrato”.”                                                                                                                                            |
| Varição Diamésica   | “é a que se verifica na comparação entre a <i>língua falada e a língua escrita</i> . na análise dessa variação é fundamental o conceito de <i>gênero textual</i> . O adjetivo provém de DIÁ-, e do grego MÉSOS, “meio”, no sentido de “meio de comunicação”.”                                                   |
| Varição Diafásica   | “é a variação estilística que vemos mais acima, isto é, o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de <i>monitoramento</i> que ele confere ao seu comportamento verbal. O adjetivo provém de DIÁ-, e do grego PHÁSIS, “expressão, modo de falar”.”                                |
| Varição Diacrônica  | “é a que se verifica na comparação entre diferentes estampas da <i>história</i> de uma língua. As línguas mudam com o tempo[...] e o estudo das diferentes etapas da mudança é de grande interesse para os linguistas. o adjetivo provém de DIÁ-, e do grego KHRÓNOS, “tempo”.”                                 |

Fonte: Adaptado de Bagno (2007, p. 46).

Como apresentado no Quadro 1, Bagno (2007) menciona alguns fatores sociais relacionados aos diferentes tipos de variação linguística, sendo esses fatores

classificados como: de lugares diferentes, classe social, língua falada e escrita, de monitoramento e história.

Os estudos sociolinguísticos com comunidades de fala revelam que a variação linguística está relacionada com algumas variáveis sociais: idade, gênero, classe social, raça, etnia, situação urbana/rural e inserção em redes sociais (Labov, 2010). Desse modo, é preciso reconhecer a correlação entre os usos linguísticos e as variedades linguísticas.

Com base em Bagno (2007), podemos observar como são designadas as variedades linguísticas, como aponta o Quadro 2:

**Quadro 2** - Classificação das variedades linguísticas.

|           |                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|-----------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Dialeto   | “é um termo usado há muitos séculos, desde a Grécia Antiga, para designar o modo característico de uso da língua num determinado lugar, região, província etc. Muitos linguistas empregam o termo <i>dialeto</i> para designar o que a Sociolinguística prefere chamar de <i>Variedade</i> .” |
| Socioleto | “designa a variedade linguística própria de um grupo de falantes que compartilham as mesmas características socioculturais (classe socioeconômica, nível cultural, profissão etc.)”.                                                                                                          |
| Cronoleto | “designa a variedade própria de determinada faixa etária, de uma geração de falantes.”                                                                                                                                                                                                        |
| Idioleto  | “designa o modo de falar característico de um indivíduo, suas preferências vocabulares, seu modo próprio de pronunciar as palavras, de construir as sentenças etc.”                                                                                                                           |

Fonte: Adaptado de (Bagno, 2007, p. 48).

Conforme apresentado no Quadro 2, podemos observar a classificação das variedades linguísticas segundo Bagno (2007) (dialeto, socioleto, cronoleto e idioleto). Para o autor, a língua sofre influência de diversos fatores extralinguísticos (origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, entre outros). Essa diversidade de usos linguísticos são reflexões dos diversos fatores linguísticos (estruturais) e extralinguísticos (socioculturais e políticos).

A partir dos estudos da Sociolinguística Variacionista realizados no contexto brasileiro, sabe-se que entre tantos fatores externos, o de maior impacto no nosso país é o grau de escolarização, isso porque, segundo Bagno (2007):

[...] está muito ligado ao *status socioeconômico*: a escola de qualidade e a possibilidade de permanência mais prolongada no sistema

educacional são bens sociais limitados às pessoas de renda econômica mais elevada (Bagno, 2007, p. 44).

Bagno (2007) afirma que o grau de escolarização está ligado ao status socioeconômico, uma vez que as pessoas privilegiadas economicamente têm um tempo de permanência maior na escola, em relação a pessoas que possuem menos privilégios socioeconômicos. Logo, as variedades linguísticas usadas por essas pessoas são mais valorizadas social e culturalmente.

Acerca da correlação entre as variedades linguísticas e a estrutura social, Alkmin (2006) explica que:

[...] em qualquer comunidade de fala, podemos observar a coexistência de um conjunto de variedades linguísticas. Essa coexistência, entretanto, não se dá no vácuo, mas no contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade. Na realidade objetiva da vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, que reflete a hierarquia dos grupos sociais (Alkmin, 2006, p. 39).

Nas palavras de Alckmin (2006), a atribuição de valor aos usos das variedades linguísticas está ligada às relações políticas e sociais. Essa avaliação é um reflexo da influência do poder econômico de determinados grupos sociais, posto que algumas são socialmente avaliadas como “superiores” ou “inferiores”.

A exemplo citamos Tarallo (1986), ao discorrer sobre o fato de uma variante linguística padronizada ser frequentemente associada à língua com um status social mais elevado. Por outro lado, as demais variantes de usos linguísticos não padronizadas são estigmatizadas pela sociedade, o que acontece frequentemente com as variantes inovadoras que são quase sempre definidas como não padrão.

Acerca da avaliação social atribuída às variedades linguísticas, Travaglia (2009) pondera que:

[...] existe um grande número de variedades linguísticas, mas, ao mesmo tempo que se reconhece a variação linguística como um fato, observa-se que a nossa sociedade tem uma longa tradição em considerar a variação numa escala valorativa, às vezes até moral, que leva a tachar os usos característicos de cada variedade como certos ou errado [...] (Travaglia, 2009, p. 41).

Trazendo a discussão das variedades linguísticas para o âmbito da educação brasileira, destacamos os estudos da Sociolinguística Educacional, dentre os quais

citamos Bortoni-Ricardo (2004; 2005; 2017), os quais trazem relevantes reflexões sobre o ensino de língua materna e o trabalho com a diversidade linguística.

Bortoni-Ricardo (2005) discorre sobre a atribuição de prestígio a uma única variedade linguística, mencionando que o parâmetro usado para a correção linguística é o prestígio social. E como consequência disso, socialmente e nas escolas “[...] a “correção” linguística das variedades do português no Brasil sempre foi aferida em função de sua maior ou menor semelhança com a norma-padrão lisboeta consagrada pelos escritores portugueses” (p. 36).

No Brasil, a norma-padrão é idealizada pelos grupos privilegiados da sociedade, como aponta Faraco (2008, p. 80), posto que “[...] a elite letrada conservadora se empenhou em fixar como nosso padrão certo modelo lusitano de escrita [...]”. Todavia, o pesquisador brasileiro afirma que essa referência é abstrata:

[...] norma-padrão é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística (Faraco, 2008, p. 75).

Na visão de Faraco (2008), a norma padrão representa uma referência de uso a partir de uma visão de língua uniforme. Sendo assim, no Brasil, a norma-padrão é fruto de um projeto que visa “[...] combater as variedades do português popular” (p. 75). Aqui acrescentamos que o ensino de uma variedade de língua idealizada reforça muitos mitos e preconceitos linguísticos que muitas vezes são reproduzidos inclusive dentro das escolas, seja por alunos ou mesmo para professores de Língua Portuguesa.

O posicionamento de Faraco (2008) é que em sociedades diversas e estratificadas como a nossa coexistem várias normas que são representam um “[...] conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade” (p. 42). E estas normas representam tanto as formas de usos linguísticos quanto os valores socioculturais atribuídos a elas.

Ainda no que diz respeito à valorização atribuída a uma única variedade linguística considerada a norma-padrão, é preciso reconhecer a correlação com a reprodução na sociedade brasileira de vários mitos linguísticos. Bagno (2007) faz referência à mitologia do preconceito linguístico e a validação “positiva” de falácias que não têm nenhuma comprovação científica. Ele explica que os mitos são transmitidos socialmente e são reproduzidos num chamado círculo vicioso, que

segundo o autor, se materializa em razão de três elementos: a gramática tradicional, os métodos de ensino tradicionais e os livros didáticos.

Marco Bagno (2015), ao escrever a novela sociolinguística intitulada, “A língua de Eulália”, demonstra como é nociva e preconceituosa a criação de estigmas sociais e educacionais, a partir dos modos de falar dos sujeitos. Ao mesmo tempo, o autor destaca a variação linguística como um processo natural que ocorre em todas as línguas humanas. Desse modo, a melhor forma de combater o preconceito linguístico é a inserção dos estudos e dos debates sociolingüísticos, tanto na escola quanto na sociedade.

Com base em Bagno (2015), podemos afirmar que a tendência existente de querer obrigar o aluno a falar da maneira que se escreve despreza toda a singularidade da língua falada, disseminando o preconceito linguístico. Para ele:

[...] infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”, como se essa fosse a única maneira “certa” de falar português. (Imagina se alguém fosse falar inglês ou francês do jeito que se escreve!) (Bagno, 2015, p. 79).

A partir do exposto por Bagno sobre o fato de muitos materiais didáticos (gramáticas e livros) reforçarem o ensino da língua escrita com base na “correção” dos usos da fala, nosso entendimento, assim como o de Bagno, é que precisamos combater o preconceito linguístico ao passo que se ensina a escrita da língua. Podemos sim ensinar a escrita das palavras, porém sem exigir que sejam pronunciadas de acordo apenas com o dialeto de uma determinada região.

A partir da premissa de que o ensino da língua escrita é supervalorizado no âmbito educacional, é que nos propomos a pensar no lugar da escola e o papel do professor de Língua Portuguesa frente aos desafios de ensino a língua e a formação de alunos críticos e conscientes acerca dos diversos usos e em relação às variedades linguísticas desprestigiadas socialmente.

Conforme Mollica (2013), os educadores precisam conhecer a variação linguística, pois estes interagem diariamente com os alunos e, conseqüentemente, se deparam com muitas variedades de usos da língua. Em relação especificamente à língua materna, acrescentamos que é necessária uma reflexão sobre o ensino de uma única variedade linguística (norma padronizada) e combater as diferentes formas de

preconceitos linguísticos frente às demais variedades de usos da língua que são usadas por grupos desprestigiados pela sociedade brasileira.

Bortoni-Ricardo (2005) contribui com a reflexão sobre o papel da escola em relação ao reconhecimento das variedades linguística e o ensino de língua materna:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferente, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 15).

Bortoni-Ricardo exemplifica que os alunos ao adentrar na escola falam “Nós chegemu”, e nos faz pensar sobre o papel do professor de Língua Portuguesa terem consciência sobre as diversas variedades linguísticas. Nessa visão, isso é possível ao adotar uma pedagogia culturalmente sensível aos diferentes usos linguísticos. Para a autora, é preciso “[...] criar em sala de aula ambientes de aprendizagem onde se desenvolvam padrões de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas presentes na cultura dos alunos” (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 128).

A partir das considerações apresentadas acerca da variação linguística enquanto fenômeno e objeto de estudo nas aulas de língua materna, iremos, na subseção seguinte, discutir sobre o papel do livro, enquanto material didático e o currículo proposto para o ensino de Língua Portuguesa acerca variação/diversidade linguística, a partir do diálogo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

### **3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, CURRÍCULO DE LÍNGUA PORTUGUESA E O LIVRO DIDÁTICO**

Nesta seção, iremos abordar a temática da variação no currículo do ensino de Língua Portuguesa (LP), com a finalidade de situar o lugar da variação linguística no âmbito educacional. Para tanto, faremos uma retomada aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e um diálogo com o documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram os primeiros documentos que contemplaram orientações quanto ao estudo da variação linguística, das modalidades e usos linguísticos, bem como das variedades de registros nas aulas de Língua Portuguesa. No mencionado documento, havia o reconhecimento de que “[...] estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência lingüística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno (Brasil, 1998, p. 82).

Sobre os PCNs de LP, Dionisio (2003) pontua que o documento já fazia um alerta acerca do fenômeno da variação, chamando a atenção da escola para a necessidade de combater a discriminação linguística. Para a autora, a escola não pode tratar as variedades que não correspondem aos padrões estabelecidos pela gramática tradicional e da escrita “[...] como se fossem desvios ou incorreções” (p. 77).

Atualmente, temos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que se apresenta como um documento normativo “[...] para a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares” (Brasil, 2018, p. 8), bem como de suas respectivas propostas pedagógicas. Portanto, nos interessamos compreender como a BNCC contempla “[...] as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (p. 7).

Na parte da BNCC voltada para o componente curricular Língua Portuguesa, a variação e a mudança linguística são concebidas como fenômenos “[...] inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise” (Brasil, 2017, p. 80). Logo, destaca-se a importância de se refletir sobre as variedades linguísticas e de se combater as formas de preconceitos sociais relacionados aos usos linguísticos:

[...] as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades

estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (Brasil, 2017, p. 80).

As variedades linguísticas aparecem como objeto de estudo da Língua Portuguesa, conforme expressa o documento da BNCC ao frisar que é necessário: “Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos” (Brasil, 2017, p. 83).

Outro trecho importante para a nossa discussão refere-se a um dos eixos de integração das práticas de linguagens - análise linguística/semiótica -, posto que dentro dessas práticas de análises, o documento da BNCC coloca a variação linguística como um dos campos os conhecimentos de estudos linguísticos. Nessa parte, destacam os seguintes trechos:

- Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos.
- Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica. (Brasil, 2018, p.83).

Na BNCC, como podemos observar na citação acima, no eixo análise linguística/semiótica, aparece o destaque para a compreensão do fenômeno da variação linguística, das variedades linguísticas, tanto as prestigiadas quanto as estigmatizadas socialmente, bem como do preconceito linguístico.

Nessa perspectiva de reflexão sobre os usos linguísticos, conforme a BNCC para o componente curricular Língua Portuguesa, o estudo da língua e suas semioses, incluindo a norma-padrão, precisam ser associados às diversas práticas de linguagem, ou seja, aos demais eixos (leitura/escuta, oralidade e produção textual).

Especificamente em relação ao fenômeno da variação linguística, a BNCC reafirma que no ensino de LP é preciso contemplar uma discussão acerca das variedades prestigiadas e aquelas estigmatizadas, ou seja, desprestigiadas socialmente e que são alvo de preconceitos linguísticos. Vejamos algumas das competências específicas para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental:

1. Compreender a **língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso,**

reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

**4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.**

[...]

**5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual** (Brasil, 2018, p. 85).

Analisando essas três competências (1, 4 e 5) para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, encontramos no documento da BNCC o reconhecimento dos pressupostos teóricos da Sociolinguística em relação à diversidade e heterogeneidade como formas inerentes ao estudo da língua e ao fenômeno da variação linguística.

Em relação à primeira competência, observamos que no documento da BNCC há o reconhecimento da língua como fenômeno sociocultural e histórico que sofre a influência dos diferentes contextos de usos. No que diz respeito à competência 3, o destaque é o estudo do fenômeno da variação linguística e do combate ao preconceito linguístico. Na competência 5, há o reconhecimento do processo interacional, ao propor o emprego das variedades linguísticas em função das diversas situações de comunicação, dos participantes e dos usos dos diferentes gêneros textuais/discursivos.

Fazendo uma análise da proposição de estudo da variação linguística a partir das orientações da BNCC para o Ensino no Ensino Fundamental, dizemos que o fato do documento incluir em três das dez competências aspectos importantes para a reflexão acerca da língua numa perspectiva sociointeracional, pode direcionar a construção de currículos de Língua Portuguesa nas escolas que contemplem, de fato, o estudo da língua e práticas de reflexão sobre os diversos usos e variedades, ao passo que se reforçar o combate ao preconceito linguístico.

A partir deste ponto, faremos uma discussão tomando como diálogo as propostas curriculares presentes nos livros didáticos, tendo em vista que muitas vezes esses materiais acabam por orientar diretamente as práticas dos professores de Língua Portuguesa nas escolas brasileiras.

O foco de interesse desta análise são os livros/materiais didáticos distribuídos gratuitamente às escolas públicas brasileiras pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) que estão alinhados às orientações curriculares, ou seja, com a BNCC, considerando que um dos critérios estabelecidos pelos editais de seleção e aprovação das coletâneas.

De acordo com Rangel (2003), desde 1996 o Ministério de Educação (MEC) passou a subordinar a compra dos livros ao crivo de uma comissão de avaliação sistemática do PNLD. Desde então, os livros didáticos têm se tornado objeto de estudo, o que consequentemente vem levantado vários debates e polêmicas tanto no meio acadêmico quanto no educacional.

No que diz respeito ao meio acadêmico, a análise de livros e materiais didáticos de Língua Portuguesa tem uma forte tradição de pesquisas alinhadas aos pressupostos teóricos da Sociolinguística. Dentre estas, citamos Marcos Bagno (2008), que se interessa pelos estudos dos aspectos relacionados à diversidade linguística, ao fenômeno da variação linguística, da norma culta e do preconceito linguístico.

Quanto aos materiais pedagógicos de Língua Portuguesa, Bagno (2015) já ponderava que:

Muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar a professores a “corrigir” quem fala *muleque*, *bêjo*, *minino*, *bisôro*, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e inevitável na vida das línguas. Essa supervalorização da língua escrita combinada com o desprezo da língua falada é um preconceito que data desde antes de Cristo (Bagno, 2015, p. 79).

O que Bagno (2015) nos apresenta nesse trecho sobre essa ideia de que é necessário corrigir a fala dos alunos ainda presente em livros e materiais didáticos de Língua Portuguesa, nos faz refletir acerca do prestígio social do ensino da língua na sua modalidade escrita nos materiais didáticos e naturalmente na perpetuação de muitos mitos nas escolas, como, por exemplo, o que “o certo é falar assim, porque se escreve assim” (Bagno, 2015, p. 79)

Para finalizar esta breve discussão, reconhecemos que, atualmente, os livros didáticos aprovados pelo PNLD já contemplam propostas, de certo modo, de ensino de Língua Portuguesa com os aspectos relativos à variação/diversidade linguística. Todavia, as propostas de ensino apresentadas por cada material didático são específicas, e nem sempre dá conta de contemplar práticas de reflexão do fenômeno

da variação linguística. Partindo desse pensamento, este estudo busca responder a questões relacionadas ao modo como o tema tem sido abordado nos livros didáticos aprovados pelo PNLD (2024-2027), que serão utilizados por professores de Língua Portuguesa nos próximos anos.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 A Caracterização da Pesquisa

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, posto que o propósito principal é analisar a abordagem da variação linguística em livros de Língua Portuguesa (LP). Assim, considerando os objetivos da investigação em tela, trata-se de uma análise do tipo descritivo/explicativa, tendo em vista que faremos a descrição dos conceitos e dos aspectos relacionados à diversidade linguística e a reflexão sobre o fenômeno da variação linguística enquanto objeto de ensino.

Com relação ao procedimento de levantamento de dados, utilizamos a análise documental, que é uma técnica valiosa para uma pesquisa que possui uma abordagem qualitativa. Esse tipo de análise é considerada por teóricos das ciências humanas e sociais como um procedimento valioso para uma pesquisa qualitativa (Alves Mazzoti; Gewandsnajder, 2004).

A análise documental é o método utilizado para a apreensão, compreensão e análise de determinando objetos de pesquisa, que, no caso deste estudo, foram livros didáticos dos anos finais do ensino fundamental pertencentes a uma coleção aprovada pelo Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD).

A pesquisa foi delineada em etapas: na primeira, realizamos a seleção do material documental para composição do *corpus*, considerando alguns critérios preestabelecidos. Na segunda etapa, procedemos à análise descritiva dos aspectos conceituais da variação linguística presentes nos livros didáticos selecionados. Por fim, realizamos a discussão dos dados analisados em diálogo com a base teórica e os estudos recentes que tratam da análise de livros didáticos no contexto de ensino de Língua Portuguesa.

### 4.2 Corpus de Análise

Nesta pesquisa analisamos os livros didáticos de Língua Portuguesa de uma coleção aprovada pelo Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) e que está sendo utilizada por escolas públicas brasileiras no período de 2024 a 2027.

Para a escolha da coleção a ser analisada, inicialmente visitamos o portal eletrônico do Ministério da Educação (MEC), destinado ao PNLD, mais

especificamente à página do Guia Digital, onde estavam disponíveis as informações sobre as obras didáticas submetidas ao edital do PNLD (2024). No referido site, encontramos uma aba na qual se apresentavam os materiais didáticos de cada componente curricular, dentre eles o de Língua Portuguesa. Vejamos a Figura 1:

**Figura 1 - Visão Geral do Guia Digital.**



Fonte: [https://pnld.nees.ufal.br/pnld\\_2024\\_objeto1\\_obras\\_didaticas/inicio](https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2024_objeto1_obras_didaticas/inicio).

No segundo momento, escolhermos as obras de Língua Portuguesa a partir da leitura das resenhas das coleções disponíveis, tendo em vista que nessa parte são apresentadas a visão geral da abordagem teórico-metodológica de cada livro, bem como a descrição da organização da coleção didática (unidades e capítulos), e, por fim, a análise que continha um resumo da proposição curricular de cada livro.

Após a análise prévia das resenhas completas, selecionamos a coleção “Português Linguagens”, de autoria de William Cereja e Carolina Dias Viana, publicada pela editora Saraiva e direcionada ao sexto, sétimo, oitavo e nono ano do Ensino Fundamental. A seguir, temos uma visão parcial das informações acerca da resenha completa da referida coleção (Figura 2):

**Figura 2 - Resenha da Coleção – Português: Linguagens.**



**PORTUGUÊS LINGUAGENS**  
CAROLINA ASSIS DIAS VIANNA, WILLIAM ROBERTO CEREJA

CÓDIGO DO LIVRO  
**0040P240100200010**  
SARAIVA EDUCAÇÃO S.A.  
11/2022

**RESENHA COMPLETA**

**VISÃO GERAL**

A Coleção didática é destinada aos Anos Finais do Ensino Fundamental Maior, do 6º ao 9º ano e está organizada em Livro do Estudante (LE), Livro do Estudante Digital-Interativo (LEI), Manual do Professor (MP) e Manual do Professor Digital-Interativo (MPI), apresentando uma proposta de trabalho fundamentada na constatação de que o estudante transita por complexas e variadas situações de comunicação, nas quais tem oportunidade e necessidade de interagir com interlocutores diversos. Vinculada aos objetos de conhecimento e às competências e habilidades apresentados na Base Nacional Comum Curricular - BNCC, tem como princípio geral norteador a abordagem enunciativo-discursiva de práticas de leitura/escuta, de produção de textos orais, escritos e multimodais e de reflexão sobre a língua. Isso se constata no reconhecimento da centralidade do texto como unidade de trabalho e na proposição de Língua Portuguesa não como um sistema estático, mas um meio dinâmico e vivo de interação social. Em decorrência disso, há a valorização da variação linguística e isso, tanto nas propostas de ensino-aprendizagem voltadas à reflexão sobre a língua, quanto naquelas em que se exploram as práticas de leitura e de produção textual. Em termos metodológicos, as propostas contidas na Coleção procuram valorizar os conhecimentos prévios dos estudantes, fomentar o desenvolvimento de sua responsabilidade, protagonismo e autogestão, incentivar a troca de ideias, o diálogo e o debate com respeito às diferenças, viabilizando o trabalho com análises críticas e propositivas. Assim, a Coleção constitui-se como um objeto de apoio para professores e estudantes. Para os professores, ela serve como ponto de partida e suporte na organização do processo de ensino do componente curricular Língua Portuguesa. Para os estudantes, é uma base para desenvolver competências e habilidades, atitudes e valores essenciais.

Fonte: [https://pnld.nees.ufal.br/pnld\\_2024\\_objeto1\\_obras\\_didaticas/componente-curricular/pnld\\_2024\\_objeto1\\_obras\\_didaticas\\_lingua\\_portuguesa](https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2024_objeto1_obras_didaticas/componente-curricular/pnld_2024_objeto1_obras_didaticas_lingua_portuguesa).

É preciso dizer que tomando por base as informações iniciais disponíveis sobre cada livro da coleção “Português Linguagens”, acreditávamos que os quatro materiais poderiam atender aos propósitos de investigação, uma vez que na resenha completa havia a descrição de que os materiais didáticos concebiam a língua numa perspectiva sócio interacional, contemplando propostas de ensino/aprendizagem voltadas para reflexão acerca da variação linguística.

Na etapa seguinte, de posse dos livros digitais, foi possível fazer uma análise dos sumários dos livros da coleção “Português Linguagens”, a partir do acesso ao arquivo digital disponível no portal “E-docente”, plataforma de conteúdo do PNLD<sup>3</sup>. Além disso, fizemos a leitura prévia das Orientações Gerais disponibilizadas aos professores, a fim de decidirmos se todos os livros da coleção seriam de fato objeto de análise desta pesquisa.

Feito a análise prévia, identificamos que o livro do 8º ano não atendeu um dos critérios estabelecidos pelo protocolo de pesquisa, que era abordar a temática da variação linguística em ao menos uma das seções do livro. Logo, definimos que o *corpus* de análise deste estudo seria composto pelos livros do 6º, 7º e 9º ano da coleção selecionada.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.edocente.com.br/colecao/portugues-linguagens-objeto-1-pnld-2024-anos-finais-ensino-fundamental/>.

**Figura 3** - Imagens dos livros da Coleção “Português: Linguagens” selecionados para análise.



Fonte: Editora Saraiva (2024).

Os critérios preestabelecidos para escolha dos livros que seriam nosso objeto de investigação foram os seguintes: i) material didático aprovado pelo PNLD (2024-2027) voltado para o componente curricular Língua Portuguesa (Anos Finais do Ensino Fundamental); ii) livro que contemplasse uma discussão conceitual e/ou analítica da variação/diversidade linguística em pelo menos uma das seções do material; iii) livro adotado por escolas públicas de Coruripe-AL, cidade na qual a pesquisadora residente e trabalha como professora.

### 4.3 A Perspectiva de Análise

A análise dos livros didáticos de Língua Portuguesa recomendados pelo PNLD (2024-2027), do 6º, 7º e 9º ano do Ensino Fundamental, foi feita da seguinte forma: realizamos a leitura dos sumários de cada livro e selecionamos para análise os capítulos, as unidades e as seções que abordavam o estudo do fenômeno da variação linguística.

A análise inicial revelou as unidades e os capítulos que contemplavam uma discussão conceitual em torno do fenômeno da variação linguística ou que apresentavam atividades com foco específico na análise do nosso objeto de investigação. O Quadro 3, a seguir, apresenta o resultado desta pré-análise.

**Quadro 3** - Descritivo das seções e tópicos analisados nos LDLP.

| <b>Livro do 6º Ano</b>                                                                                                                                                                                                                            | <b>Livro do 7º Ano</b>                                                                                                     | <b>Livro do 9º Ano</b>                                                                                                                      |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| UNIDADE 1<br>(No Mundo da fantasia)<br>Capítulo 2<br>(Depois do final feliz)                                                                                                                                                                      | UNIDADE 2<br>(Viagem pela palavra)<br>Capítulo 3<br>(Cores e dores do Sertão)                                              | UNIDADE 2<br>(Amor)<br>Capítulo 3<br>(Cartas de amor? Ridículo!)                                                                            |
| Seção - A língua em foco<br><br><b>Tópicos de análise</b><br><br><i>Variedades linguísticas</i><br><i>Tipos de variação linguística</i><br><i>Variedades linguísticas de</i><br><i>prestígio e norma padrão</i><br><i>Preconceito linguístico</i> | Seção - A língua em foco<br><br><b>Tópico de análise</b><br><br><i>Análise linguística: variação</i><br><i>linguística</i> | Seção - A língua em foco<br><br><b>Tópico de análise</b><br><br><i>Análise linguística: Variação</i><br><i>linguística - estrangeirismo</i> |

Fonte: Elaborado pela autora deste estudo a partir da análise dos livros.

Conforme apresentado no Quadro 3, observamos que no livro do 6º ano, no capítulo 2 (Unidade 1), mais precisamente na seção “A língua em foco”, apresenta-se uma proposição de discussão conceitual sobre aspectos relacionados à variação linguística. Nos livros do 7º ano e do 9º ano, verificamos que somente nos capítulos 3 (Unidade 2), na seção “A língua em foco”, há propostas de atividades práticas de análise do fenômeno da variação linguística.

Feito a identificação das seções que seriam analisadas, procedemos à descrição dos aspectos conceituais e das atividades apresentadas na seção dos três livros didáticos de Português que se referiam à discussão da variação linguística. Na continuidade, em função dos objetivos de pesquisa e da análise preliminar dos sumários dos livros, definimos as categorias de análise: variação, variedades linguísticas e preconceito linguístico.

Por fim, a discussão dos dados coletados foi realizada a partir do diálogo com os estudos teóricos que fundamentam esta pesquisa (Labov, 2008; Bagno, 2001; 2013; 2015; Mollica, 2016), bem como com as orientações presentes no documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Fundamental para o componente curricular de Língua Portuguesa.

Na seção seguinte, nosso olhar se voltará para a análise dos dados coletados: analisamos a variação linguística no livro didático de Português de uma coleção recomendada pelo PNLD 2024-2027.

5 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Nesta seção, fazemos uma análise dos livros de Língua Portuguesa (LP) selecionados, a fim de apresentar, de forma descritiva, o modo como o fenômeno da variação linguística é abordado pelos materiais didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD). Para tanto, inicialmente faremos uma apresentação individual das análises de cada livro e em seguida, conduzimos a análise e discussão dos resultados encontrados.

5.1 Análise do Livro do 6º Ano

Nesta subseção, apresentaremos a análise descritiva do Livro “Português: Linguagens”, voltado para o 6º ano do Ensino Fundamental. Após a análise prévia do sumário do referido livro, identificamos que a abordagem da temática da variação linguística está presente na Unidade 1, mais precisamente em uma seção do Capítulo 2, conforme ilustrado na Figura 4:

Figura 4 - Sumário do Livro do 6º Ano.

Capítulo 2 - Depois do final feliz..... 34

> Felizes quase sempre, de Antonio Prata..... 36

Estudo do texto..... 38

Compreensão e interpretação..... 38

A linguagem do texto..... 39

Oralidade em foco: leitura expressiva do texto..... 40

Trocando ideias..... 40

A língua em foco..... 41

Variedades linguísticas..... 41

Tipos de variação linguística..... 43

Variedades de prestígio e norma-padrão..... 44

Preconceito linguístico..... 45

Sumário

Unidade 1

No mundo da fantasia..... 10

Capítulo 1 - Era uma vez..... 13

> Os sete corvos, de Jacob e Wilhelm Grimm..... 14

Estudo do texto..... 16

Compreensão e interpretação..... 16

A linguagem do texto..... 17

Cruzando linguagens..... 18

Trocando ideias..... 19

Oralidade em foco: escuta de conto maravilhoso..... 19

A língua em foco..... 21

Linguagem ação e interação..... 21

Linguagem verbal, linguagem não verbal e textos multimodais..... 22

Interlocutores..... 23

Língua..... 23

A linguagem e suas características..... 26

Semântica e discurso..... 28

Produção de texto..... 29

Conto maravilhoso: construção e recursos expressivos..... 29

Agora é a sua vez: conto maravilhoso..... 32

Capítulo 2 - Depois do final feliz..... 34

> Felizes quase sempre, de Antonio Prata..... 36

Estudo do texto..... 38

Compreensão e interpretação..... 38

A linguagem do texto..... 39

Oralidade em foco: leitura expressiva do texto..... 40

Trocando ideias..... 40

A língua em foco..... 41

Variedades linguísticas..... 41

Tipos de variação linguística..... 43

Variedades de prestígio e norma-padrão..... 44

Preconceito linguístico..... 45

Semântica e discurso..... 49

De olho na escrita: fonema e letra..... 50

Produção de texto..... 54

Paródia de conto maravilhoso: construção e recursos expressivos..... 54

Agora é a sua vez: paródia de conto maravilhoso..... 55

Capítulo 3 - Fábulas em cena!..... 57

> O leão, o lobo e a raposa, adaptação para peça teatral de Cristiane F. Araújo, inspirada em fábula de Monteiro Lobato..... 58

Estudo do texto..... 62

Compreensão e interpretação..... 62

A linguagem do texto..... 65

Cruzando linguagens..... 66

> O leão, o lobo e a raposa, de Monteiro Lobato..... 66

Trocando ideias..... 68

Oralidade em foco: leitura dramática..... 69

A língua em foco..... 70

Figuras de linguagem..... 70

Análise..... 72

Inversão ou hipérbato..... 73

Personificação ou prosopopeia..... 74

Aliteração e assonância..... 74

Metáfora e comparação..... 75

Semântica e discurso..... 77

De olho na escrita: sinal e encontro consonantal..... 79

Produção de texto..... 81

Texto dramático: construção e recursos expressivos..... 81

Agora é a sua vez: texto dramático..... 83

Passando a limpo..... 85

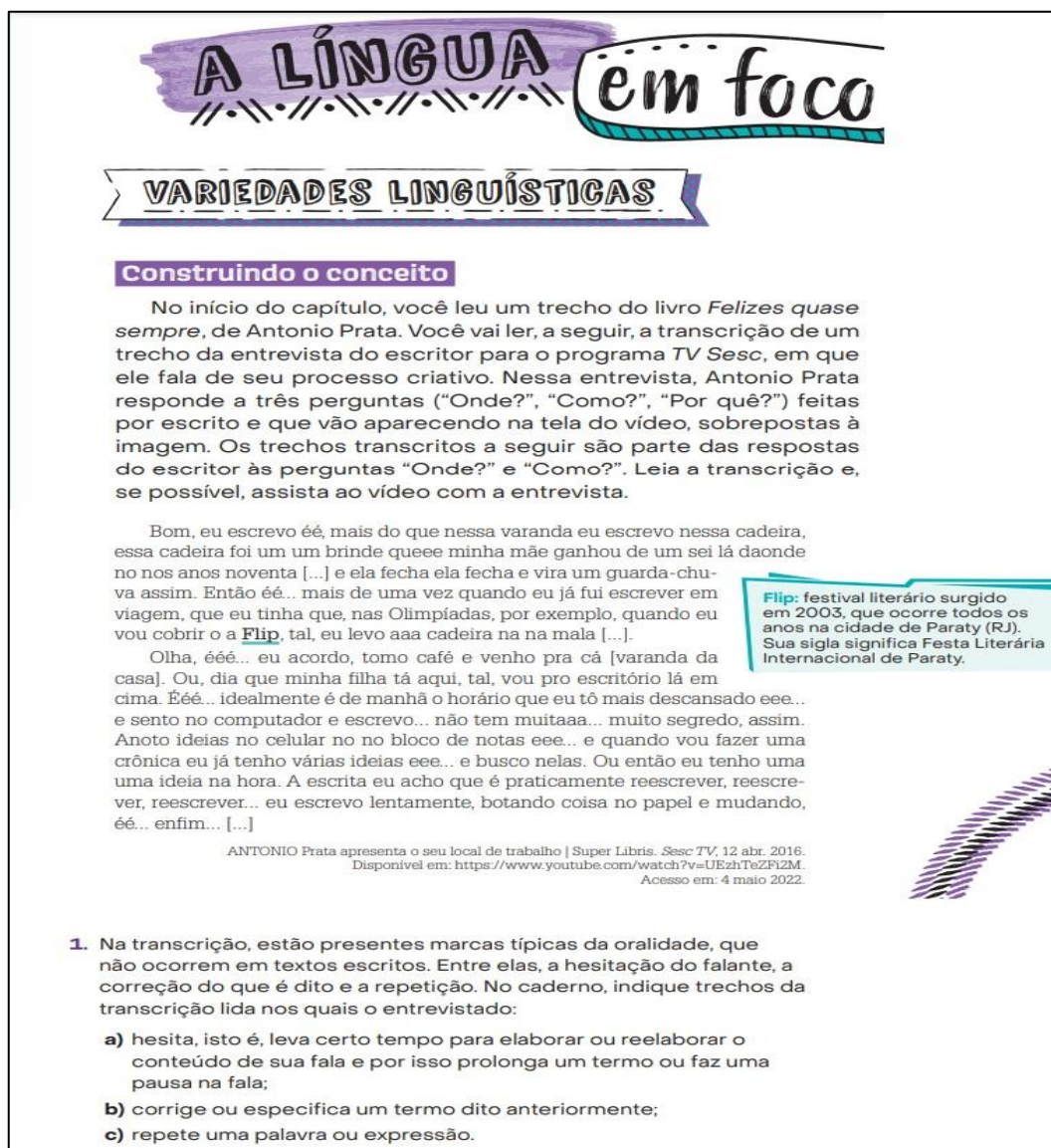
Intervalo: histórias de hoje e sempre..... 88

Fonte: Cereja e Vianna (2024, p.6).

Observando a Figura 4, verificamos que a abordagem da variação linguística está na seção “A língua em foco” (das páginas 41 a 48). A seguir, procedemos a análise dos textos e das atividades apresentados nas referidas páginas, a fim de identificarmos a discussão propostas em torno da discussão conceitual da variação linguística, da norma padrão, das variedades de prestígio, além da classificação de alguns tipos de variação e referência às gírias e ao preconceito linguístico.

A seção “Língua em foco” do referido capítulo 2, apresenta o nome VARIEDADES LINGUÍSTICAS em destaque e o tópico “Construindo conceito”. Em seguida, há uma retomada de um trecho da entrevista do escritor Antonio Prata para a Sesc TV, conforme ilustrado na Figura 5:

**Figura 5 - Trecho da entrevista apresentado.**



**A LÍNGUA em foco**

**VARIEDADES LINGUÍSTICAS**

**Construindo o conceito**

No início do capítulo, você leu um trecho do livro *Felizes quase sempre*, de Antonio Prata. Você vai ler, a seguir, a transcrição de um trecho da entrevista do escritor para o programa TV Sesc, em que ele fala de seu processo criativo. Nessa entrevista, Antonio Prata responde a três perguntas (“Onde?”, “Como?”, “Por quê?”) feitas por escrito e que vão aparecendo na tela do vídeo, sobrepostas à imagem. Os trechos transcritos a seguir são parte das respostas do escritor às perguntas “Onde?” e “Como?”. Leia a transcrição e, se possível, assista ao vídeo com a entrevista.

Bom, eu escrevo éé, mais do que nessa varanda eu escrevo nessa cadeira, essa cadeira foi um um brinde queeee minha mãe ganhou de um sei lá daonde no nos anos noventa [...] e ela fecha ela fecha e vira um guarda-chuva assim. Então éé... mais de uma vez quando eu já fui escrever em viagem, que eu tinha que, nas Olimpíadas, por exemplo, quando eu vou cobrir o a **Flip**, tal, eu levo aaa cadeira na na mala [...].

Olha, ééé... eu acordo, tomo café e venho pra cá [varanda da casa]. Ou, dia que minha filha tá aqui, tal, vou pro escritório lá em cima. Ééé... idealmente é de manhã o horário que eu tô mais descansado eee... e sento no computador e escrevo... não tem muitaaa... muito segredo, assim. Anoto ideias no celular no no bloco de notas eee... e quando vou fazer uma crônica eu já tenho várias ideias eee... e busco nelas. Ou então eu tenho uma ideia na hora. A escrita eu acho que é praticamente reescrever, reescrever, reescrever... eu escrevo lentamente, botando coisa no papel e mudando, éé... enfim... [...]

**Flip:** festival literário surgido em 2003, que ocorre todos os anos na cidade de Paraty (RJ). Sua sigla significa Festa Literária Internacional de Paraty.

ANTONIO Prata apresenta o seu local de trabalho | Super Libris, Sesc TV, 12 abr. 2016.  
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UEzhTeZF12M>.  
Acesso em: 4 maio 2022.

1. Na transcrição, estão presentes marcas típicas da oralidade, que não ocorrem em textos escritos. Entre elas, a hesitação do falante, a correção do que é dito e a repetição. No caderno, indique trechos da transcrição lida nos quais o entrevistado:
  - a) hesita, isto é, leva certo tempo para elaborar ou reelaborar o conteúdo de sua fala e por isso prolonga um termo ou faz uma pausa na fala;
  - b) corrige ou especifica um termo dito anteriormente;
  - c) repete uma palavra ou expressão.

No trecho do livro apresentado na Figura 5, há um fragmento da entrevista do escritor Antônio Prata, no qual ele fala sobre o seu processo criativo, enquanto escritor. Na sequência, são inseridas cinco questões relativas ao texto mencionado. A primeira pergunta faz referência às marcas típicas da oralidade que estão presentes no trecho da entrevista. Vejamos a redação: “Na transcrição, estão presentes marcas típicas da oralidade, que não ocorrem em textos escritos. Entre elas a hesitação, do falante, a correção do que é dito e a repetição” (Cereja; Vianna, 2024, p. 41).

Já na segunda questão da atividade, por sua vez, há o destaque para um trecho da entrevista transcrita e a identificação da grafia de algumas palavras que, segundo os autores, são escritas “de modo diferente da escrita ortográfica”. O comando da pergunta direciona aos alunos o reconhecimento de algumas palavras que estão presentes nas falas dos brasileiros e que apresentam apagamento de som final das formas verbais, processo fonológico que ocorre quando um fonema é eliminado em uma palavra (exemplos *ganhô*, *escrevê*, *vô*) ou que tenha redução de sons como princípio da economia linguística (por exemplo, *cadêra*, *daonde*).

A terceira questão direciona os alunos a fazerem uma transcrição da entrevista de Antônio Prata, imaginando que seria publicada no mural da escola. Em razão dessa situação simulada, eles teriam que adaptar as perguntas e passar as respostas da fala do entrevistado para a escrita, fazendo os ajustes necessários para essa modalidade de uso da língua. Dessa parte, observamos que a entrevista foi escrita respeitando toda e qualquer variação presente na fala do escritor. Essa atividade leva ao que Bagno (2015) nos fala sobre a supervalorização da língua escrita, em que há um direcionamento para “correção” da fala, conforme os padrões da língua escrita.

Na quarta questão são apresentados enunciados acerca das diferenças entre a fala e escrita para os alunos sinalizarem como verdadeiros ou falsos. O foco é a análise de trechos da fala espontânea em comparação com a modalidade de uso da versão escrita. Todavia, os comandos das questões apresentadas solicitam apenas a identificação das características da oralidade e da escrita.

Em síntese, identificamos que as quatro primeiras perguntas visam estabelecer o reconhecimento das diferenças entre as modalidades da língua (escrita e a fala). Por fim, na questão 5, há uma atividade de reflexão sobre a pronúncia de algumas palavras usadas pelo entrevistado, em que são propostas questões de reflexão sobre o uso da Língua Portuguesa em situações cotidianas, mais especificamente em

regiões nas quais os alunos moram e a comparação com os usos identificados no trecho da entrevista.

Dessa primeira atividade de análise proposta no livro, constatamos que alguns trechos da entrevista foram usados para o reconhecimento de marcas de oralidade do entrevistado e a distinção entre a fala e a escrita. Entretanto, percebemos que as questões apresentadas no livro não direcionam para uma reflexão crítica sobre essas duas modalidades da língua.

Acerca do trabalho com a oralidade, Marcuschi (2003, p. 25) reforça que o “[...] estudo da fala é também uma oportunidade singular para esclarecer aspectos relativos ao preconceito e à discriminação linguística, bem como suas formas de disseminação”. Nesse sentido, compreendemos a importância de o professor de Língua Portuguesa discutir com os alunos em sala de aula sobre as particularidades da fala e da escrita, reforçando o combate ao preconceito linguístico em relação sobretudo à fala, uma vez que o ensino da língua escrita já tem um lugar de destaque nas escolas brasileiras.

Na sequência, no tópico conceituando da seção em análise, antes de apresentar o conceito de variedades linguísticas, há o reconhecimento da heterogeneidade linguística como um fator inerente à língua, conforme o trecho destacado “O fato de a língua ser heterogênea, ou seja, ter variedades, recebe o nome de variação linguística” (p. 43). Há um destaque para o fato da diversidade presente na sociedade brasileira e as diversas formas de uso da Língua Portuguesa.

Na página seguinte, o livro traz no tópico “Conceituando” uma discussão sobre variação linguística. Para tanto, faz uma retomada à fala espontânea usada na entrevista apresentada anteriormente, exemplificando os diferentes modos de uso da língua relacionados às variedades linguísticas, conforme ilustrado na Figura 6:

Figura 6 - Conceituando Variedades Linguísticas.

**Conceituando**

Ao analisar um pequeno trecho de uma fala espontânea de Antonio Prata, você observou que há nela traços típicos do modo de falar de muitos brasileiros. Além disso, percebeu que a fala e a escrita são diferentes. Essa diferença entre fala e escrita é um exemplo de **variedade linguística**. As variedades linguísticas ocorrem porque, embora a língua pareça única, homogênea, na verdade é heterogênea, ou seja, abriga diferentes modos de falar, de acordo com características sociais, regionais, etárias e culturais dos falantes. O fato de a língua ser heterogênea, ou seja, ter variedades, recebe o nome de **variação linguística**.

Especialmente em uma sociedade tão heterogênea como a brasileira, com realidades e perfis muito diferentes convivendo às vezes em uma mesma cidade e até em um mesmo bairro, ocorrem diferenças também nas formas de utilização da língua.

**Variedades linguísticas** são os diferentes modos de usar determinada língua, relacionados à variedade da(s) própria(s) sociedade(s) que a pratica(m). Influem nas variedades fatores como a região de origem de seus falantes, a idade, o gênero, as condições econômicas, o grau de escolaridade, etc.

Fonte: Cereja e Vianna (2024, p.43).

Analisando a forma como é apresentado o conceito de variação linguística, observamos, do ponto de vista teórico, que as variedades linguísticas são concebidas como os diversos usos de uma língua que é influenciada por diferentes fatores, tais como, o social, regional, econômico, cultural, dentre outros. Essa introdução sobre as variedades linguísticas é seguida da classificação dos tipos de variação motivada por algumas diferenças de lugar ou região, de classe social, entre modalidades da língua (fala e escrita), no grau de monitoramento, etc.

A seguir, é possível visualizar a classificação dos principais tipos de variação linguística apresentados pelo livro didático. Vejamos a Figura 7:

Figura 7 - Tipos de Variação Linguística.

**TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

As variações de uma língua podem ocorrer por diferentes motivos. Conheça, a seguir, alguns deles.

- **Diferenças de lugar ou região:** há nos modos de falar das pessoas diferenças relacionadas ao lugar de onde elas vêm ou onde vivem: estados diferentes, zona rural, zona urbana, determinadas áreas de grandes cidades.
- **Diferenças de classe social:** pessoas de diferentes classes sociais podem ter modos distintos de falar.
- **Diferenças entre a fala e a escrita:** uma mesma pessoa pode fazer uso de variedades distintas ao empregar as modalidades oral e escrita da língua.
- **Diferenças no grau de monitoramento:** uma pessoa pode monitorar menos ou mais sua fala, conforme julgar necessário. Dependendo da situação de comunicação em que se encontra, ela pode usar a linguagem de modo menos ou mais formal. Por exemplo, ao contar um mesmo fato em casa, para membros da família, e em uma reunião profissional, para pessoas com quem se tem pouca intimidade, é natural o emprego de uma **linguagem informal** na primeira situação e de uma **linguagem formal** na segunda situação.
- **Diferenças históricas:** pessoas de diferentes gerações podem ter modos de falar diferentes, uma vez que as línguas mudam com o passar do tempo.

**A língua portuguesa no mundo**

A língua portuguesa tem presença significativa em quatro continentes. Além de ser falada no Brasil (América do Sul) e em Portugal (Europa), está presente em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe (na África) e em Goa e Timor Leste (Ásia). Se, dentro do Brasil, notamos variações linguísticas de uma região para outra, imagine de um continente para outro!

Fonte: DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos: língua portuguesa*. São Paulo: Panda Books, 2003. p. 58.

Fonte: Cereja e Vianna (2024 p. 43).

Ao mencionar alguns motivos da variação linguística, é apresentado também um bloco de notas informando que a Língua Portuguesa está presente em vários continentes (América do Sul, Europa, Ásia e África). Parece que o propósito desta parte é destacar que mesmo dentro de um país com o Brasil, há a existência das variações linguísticas entre os falantes de diferentes regiões, assim como os diversos usos linguísticos do português em países de outros continentes.

Analisando esse tópico, percebemos que, embora o livro não apresente os termos técnicos para classificar as diferentes variações, observamos que os exemplos, de certo modo, retratam de forma resumida alguns dos diversos fatores extralinguísticos que motivam a variação linguística. Conforme Bagno (2007), há fatores extralinguísticos possíveis relacionados à variação linguística, entre eles a origem geográfica, o status socioeconômico, o grau de escolarização, a idade, o sexo, o mercado de trabalho, as redes sociais, etc.

Em outro tópico intitulado “Variedades de prestígio e norma-padrão”, é apresentando uma proposição de reflexão sobre as variedades linguísticas de prestígio, juntamente com a discussão sobre a norma padrão, conforme ilustrado na Figura 8:

**Figura 8 - Variedades de prestígio e Norma padrão.**

### Gírias e identidade

A linguagem faz muito mais do que transmitir pensamentos e sentimentos. Ela pode revelar características sociais, culturais, étnicas, regionais, grau de escolaridade, o grupo ou a “tribo” a que o falante pertence. É pela linguagem que as pessoas mostram sua forma de ser e de ver o mundo. Uma das marcas que podem revelar o grupo ao qual uma pessoa pertence e outras características que constituem sua identidade no mundo são as **gírias**, palavras ou expressões empregadas por indivíduos de uma mesma geração ou de determinado grupo social (que podem conviver em uma mesma época). Por exemplo, há gírias específicas dos skatistas, dos surfistas, de jovens dos centros urbanos, das periferias, etc.

### VARIEDADES DE PRESTÍGIO E NORMA-PADRÃO

A língua está sempre em mudança, em renovação. Palavras novas surgem a todo o instante e formas antes valorizadas caem em desuso com o tempo. Atualmente, com a internet, as redes sociais e os novos suportes de escrita cotidiana, como os celulares e os tablets, até mesmo o modo de escrever as palavras tem se modificado em determinadas situações.

Em sociedades como a brasileira, em que a língua é empregada por grupos sociais muito distintos e variados uns dos outros, os usos que alguns desses grupos fazem da língua, especialmente grupos considerados privilegiados, de maior poder e prestígio socioeconômico, vão se tornando, historicamente, padrões de referência. Quando esses usos se estabilizam e são descritos por estudiosos da língua em obras como gramáticas, eles dão origem ao que se chama, nos estudos de linguagem, de **norma-padrão**. Como ela surge de usos de vários grupos privilegiados socialmente, ela acaba sendo um modelo idealizado de língua.

**Norma-padrão** é um modelo idealizado de língua que tem origem nos usos de grupos sociais privilegiados.

A variedade empregada por Antonio Prata na entrevista analisada no começo desta seção, por exemplo, é uma **variedade de prestígio**, usada em uma situação descontraída por uma pessoa que teve amplo acesso à escola, mas não corresponde exatamente à norma-padrão. Isso acontece porque nem sempre o uso da língua feito por quem tem acesso a maior grau de escolaridade vai corresponder ao modelo idealizado da norma-padrão.

No entanto, na imprensa em geral, nas universidades, no mundo do trabalho e dos documentos legais, por exemplo, são empregadas variedades da língua que refletem a cultura letrada de uma sociedade, ou seja, o conhecimento das regras da escrita, das quais nos apropriamos por meio dos estudos escolares.

**Variedades de prestígio** são as variedades utilizadas por falantes com nível de escolaridade mais elevado e, em geral, com maior poder socioeconômico.

Fonte: Cereja e Vianna (2024, p. 44).

Ao realizamos uma análise dessa parte do material sobre variedades linguísticas, constatamos que o foco é a discussão da variedade de prestígio a partir da discussão conceitual sobre a norma-padrão. No entanto, não observamos uma retomada conceitual das variedades linguísticas ou ainda do reconhecimento da “coexistência” dessas variedades linguísticas, que, segundo Alckmin (2001), dentro de uma comunidade de fala, estão relacionadas aos aspectos sociais, culturais e políticos.

Observamos que nessa parte do livro didático há apenas o reconhecimento de que toda e qualquer língua está em constante processo de mudança e inovações, sobretudo na atualidade com a forte influência na internet, dos usos das redes sociais e dos suportes tecnológicos. Todavia, não são mencionados exemplos para ilustrar essa correlação entre os usos linguísticos e os fatores sociais, a exemplo da internet e das redes sociais que, de um modo geral, é muito forte entre a vida de falantes mais jovens, inclusive das crianças que estão nos Anos Finais do Ensino Fundamental, como é o caso dos alunos do 6º ano.

Outro aspecto que percebemos é que não foram citados exemplos de gírias, tendo em vista que somente em forma de nota é apresentado um pequeno texto, no qual se fala sobre o uso da linguagem, a questão da identidade dos falantes. No livro, as gírias representam os dialetos usados por grupos sociais marginalizados, sem haver uma retomada dessa informação ou mesmo da questão de preconceito linguístico quando se discute sobre as variedades de prestígio e a norma-padrão. Desse modo, ainda que se reconheça que os usos linguísticos revelam características (sociais, culturais, étnicas, regionais, grau de escolaridade) de um grupo ou a “tribo” a que o falante pertence, o foco da reflexão proposta na atividade foi direcionado para a apresentação conceitual da norma-padrão.

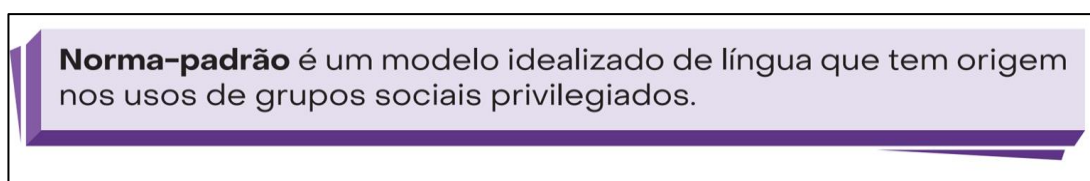
De acordo com Patriota (2004), a gíria, por representar um uso típico da oralidade, historicamente tem seu uso associado aos falantes pertencentes a grupos marginalizados e/ou excluídos socialmente. Logo, socialmente é desprestigiado no Brasil, embora alguns vocábulos estejam presentes em dicionários e sejam usados por diferentes grupos sociais na atualidade.

Na sequência, direcionamos a discussão para a valorização social que se estabelece em relação aos usos de determinadas variedades de usos da língua. Vejamos o trecho no qual os autores citam que no caso do Brasil, o Português é uma língua usada por: “grupos sociais muito distintos e variados uns dos outros, os usos

que alguns desses grupos fazem da língua, especialmente grupos considerados privilegiados, de maior poder e prestígio” (Cereja; Vianna, 2024, p. 44).

A seguir, para fazer a apresentação conceitual de norma-padrão, os autores do livro destacam que os usos linguísticos estabilizados foram descritos por estudiosos da gramática e usados por falantes de classes sociais prestigiadas ao longo da história, e que são cristalizados em padrões de referência para os demais falantes. Vejamos a Figura 9, na qual se destaca o conceito de norma-padrão:

**Figura 9 - Conceito de Norma-Padrão.**



Fonte: Cereja e Vianna (2024, p.44).

Desse modo, entendemos que a concepção adotada pelo livro didático (Figura 9) faz referência a uma compressão de que a norma-padrão está relacionada à língua das elites privilegiadas da sociedade brasileira. Nessa parte do livro analisado, a norma é vista como um “modelo idealizado” de língua usado por falantes pertencentes a classes sociais prestigiadas socialmente.

Sobre essa questão, é preciso pontuarmos que a noção de norma padrão no âmbito educacional brasileiro, especificamente no contexto de ensino da Língua Portuguesa, direciona muitas vezes o estudo da gramática normativa. Para Faraco (2008), as regras que visam determinar os modos “corretos” de falar e escrever representam a “norma curta” que corresponde ao “[...] conjunto de preceitos dogmáticos que não encontram respaldo nem nos fatos, nem nos bons instrumentos normativos, mas que sustentam uma nociva cultura do erro” (Faraco, 2008, p. 92).

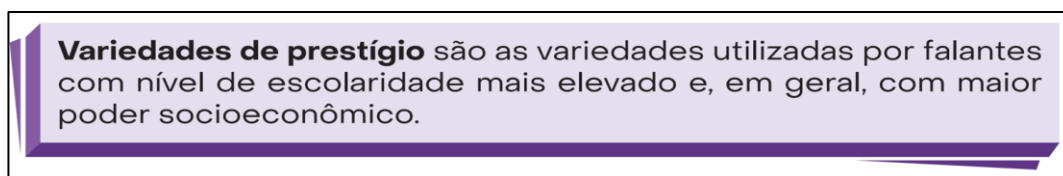
Assim, como explica Faraco (2008, p. 43), uma norma “[...] não pode ser compreendida apenas como um conjunto de formas linguísticas [...]”, uma vez que ela também congrega valores sociais e culturais. Além disso, como pontua (Alkmim, 2001), na prática, quando se fala de usos linguísticos, não há como negar que o valor atribuído às variedades linguísticas é reflexo da influência e hierarquia dos grupos sociais.

Na sequência, encontramos no livro analisado a referência de que “[...] a norma-padrão se distancie de muitos usos que fazemos da língua em situações do dia a dia” (Cereja; Vianna, 2024, p. 45). Logo, reforça-se a ideia de que todos os falantes devem ter direito de acesso às regras que orientam a norma-padrão, ainda que as diferentes formas de usos podem ser válidas e adequadas às diversas situações de comunicação. Aqui, há uma validação do ensino da norma culta, o que podemos perceber na sequência, posto que não houve um direcionamento para o professor de Língua Portuguesa aprofundar uma reflexão em sala de aula acerca dessa questão.

Acerca das variedades linguísticas, o livro faz uma retomada da entrevista com o escritor Antônio Prata, ilustrada como um exemplo de uma variedade de uso linguístico de prestígio, típica de falantes que tiveram acesso à escola, mas que é usada em situações de fala mais descontraídas, espontâneas.

Nessa parte do livro, há um reforço de que as variedades de prestígios são usadas pelos falantes de uma sociedade de maior poder econômico e que tem acesso à cultura letrada e à escolarização, ou seja, que conhecem as regras de escrita, as quais são apropriadas através dos estudos. Vejamos a Figura 10:

**Figura 10** - Conceito de Variedades de prestígio.



Fonte: Cereja e Vianna (2024, p. 44).

Conforme exposto nesse trecho do livro (Figura 10), o conceito de variedades de prestígio representa os usos linguísticos de falantes que pertencem a uma classe social mais favorecida socioeconomicamente e que possuem um nível de escolaridade mais elevado.

Na continuidade da seção “Língua em foco”, há a referência ao preconceito linguístico. Para tal discussão, são introduzidos alguns questionamentos: “Você já ouviu alguém dizer que o português praticado em uma cidade ou em um estado é melhor ou mais correto do que o de outro? Já ouviu uma pessoa ser depreciada pelo modo em que fala?”

Dado o exposto, observemos a Figura 11, que traz o trecho do livro com a proposição de reflexão sobre o preconceito linguístico:

**Figura 11** - Discussão sobre preconceito linguístico.



## PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Você já ouviu alguém dizer que o português praticado em uma cidade ou em um estado é melhor ou mais correto do que o de outro? Já viu uma pessoa ser depreciada pelo modo como fala ou escreve?

Quando uma pessoa é julgada pela variedade linguística que usa, dizemos que ocorre **preconceito linguístico**. Esse pensamento tem por base crenças do senso comum que não têm nenhum fundamento científico e contra as quais devemos nos posicionar, a fim de construir uma sociedade mais justa e livre de preconceito também no aspecto linguístico. Isso porque sabemos que a língua está em constante mudança e se modifica em função de fatores diversos.

Ao longo desta obra serão sugeridas a você atividades para que possa refletir a respeito do preconceito linguístico, observar de que modo ele se apresenta no cotidiano e como pode ser combatido.



### Quantos idiomas existem no mundo?

São 6 909 línguas diferentes faladas ao redor do mundo, segundo o compêndio *Ethnologue*, que cataloga os idiomas do nosso planeta desde 1950. Mas a maioria desses idiomas a gente quase não ouve: 6 520 línguas (cerca de 94% do total) estão na boca de apenas 6% dos habitantes da Terra, enquanto o restante da população mundial usa apenas 389 idiomas. [...]



#### ÁSIA

33,6% dos idiomas

A Ásia é a Babel dos continentes: são 2 322 idiomas — 33% do total — praticados por lá. Além de ter a maior variedade, os asiáticos também têm o maior número de falantes — 3,6 bilhões, uma média de 1,5 milhão por idioma.



#### ÁFRICA

30,5% dos idiomas

Os africanos falam 2 110 idiomas diferentes — em média, 344 mil pessoas para cada um! Em Moçambique, por exemplo, a língua oficial é o português. Mas lá você também pode ouvir maconde, chona, tonga e outros 40 idiomas.



#### AMÉRICA

14,4% dos idiomas

Do Alasca à Patagônia, são 993 idiomas no continente, com a média de 50 852 praticantes cada um. Você sabia que se fala francês no Haiti? E holandês em Aruba? E que 700 mil mexicanos ainda falam maia, um idioma pré-colombiano?

Fonte: Cereja e Vianna (2024, p.45).

A partir do exposto na Figura 11, verificamos que para os autores do livro o preconceito linguístico ocorre quando um falante é julgado pelo uso de uma determinada variedade linguística. Na continuidade, é dito que no decorrer da obra

serão apresentadas atividades para os alunos refletirem sobre as formas de preconceitos linguísticos que se apresentam no dia a dia. Porém, não conseguimos, por exemplo, identificar as atividades com foco no combate à discriminação frente aos diversos usos linguísticos não prestigiados socialmente.

Uma observação importante é que as informações sobre os idiomas (ver figuras 11 e 12), presentes no continente asiático, africano, americano europeu e Oceania, além da Língua de Sinais, não foram retomadas na discussão proposta pelo livro, nem ao menos na atividade intitulada de “Exercício”, que se apresenta na sequência. Vejamos a Figura 12:

**Figura 12 – Exercícios.**


**EUROPA**  
3,4% dos idiomas  
São 234 idiomas no Velho Mundo, com 6,6 milhões de pessoas falando cada um. Entre as línguas de origem europeia, a mais *pop* é o espanhol, segunda mais comum do mundo, escrita e falada em 44 países por 329 milhões de “personas”.


**OCEANIA**  
18,1% dos idiomas  
Apesar de ter apenas dois países grandes — Austrália e Nova Zelândia —, a Oceania tem dezenas de ilhotas, com centenas de dialetos, somando 1 250 variedades. O resultado: em média, cada idioma é praticado por apenas 5 144 pessoas.

**LÍNGUAS DE SINAIS**  
As linguagens feitas para surdos também entram no catálogo de idiomas. E, mesmo sem som, elas variam ao redor do mundo: são 130 tipos!  
[...]

MOTOMURA, Marina. Quantos idiomas existem no mundo? Superinteressante, São Paulo, 4 jul. 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quantos-idomas-existem-no-mundo/#-text=S%C3%A3o%20o%209o%20%C3%ADnguas%20diferentes,do%20nosso%20planeta%20desde%201950>. Acesso em: 7 mar. 2022.


**Não escreva no livro.**

**Exercícios**

- Troque ideias com os colegas e o professor e indique se as afirmações a seguir são verdadeiras ou falsas, explicando por quê.
  - É importante respeitar as variedades de todos os grupos sociais, as quais cumprem suas funções em seus contextos específicos de uso.
  - Pelo fato de cada pessoa ter um jeito próprio de falar, em algum momento futuro os indivíduos não vão mais conseguir se comunicar.
  - É direito de todos os falantes ter acesso à norma-padrão, pois há situações em que dominá-la pode ser necessário.
  - Dominar a norma-padrão e as variedades de prestígio pode contribuir para que as pessoas participem com mais segurança e autonomia de práticas sociais variadas.
- Leia estas gírias antigas:
  - bafafá – bicho – bokomoko
  - carango – chuchu-beleza – cri-cri
  - plá – prafrentex – tá ruço

Fonte: FUSARO, Kárin. *Gírias de todas as tribos*. São Paulo: Panda Books, 2001. p. 120-123.

  - Você conhece alguma(s) dessas gírias? Troque ideias com os colegas e o professor e tentem perceber os sentidos de cada uma delas.
  - Pergunte a pessoas conhecidas de gerações anteriores se sabem o significado dessas gírias. Em caso afirmativo, anote os significados.

A partir desse ponto iremos analisar a atividade proposta na Figura 12, em que se apresenta um exercício composto por seis perguntas. Inicialmente, acerca da primeira questão 01, a partir da análise de enunciados apresentados, percebemos que as questões são bastante genéricas, direcionando o professor a dialogar com os alunos sobre as variedades linguísticas e o direito de acesso à norma-padrão e da variedade de prestígio social.

A segunda questão do exercício composta por letras a, b, c, d, e, f, direcionam os alunos a estabelecerem um diálogo com os professores, a fim de identificar algumas gírias antigas e em seguida anotarem os significados de cada uma delas, comparando-as com as usadas na atualidade, observando as semelhanças e identificando os tipos de variação e os fatores que provocam a mudança linguística. Dessa questão, verificamos que poderia haver algum comando que direcionasse uma reflexão sobre as formas de preconceitos, mas o objetivo foi somente direcionar a identificação e a comparação de outras gírias, assim como os fatores que provocam a mudança do significado delas.

Para as questões 3ª, 4ª e 5ª do exercício analisado, foi indicado a leitura de uma tirinha, conforme imagem abaixo na Figura 13:

**Figura 13 – Tirinha.**

Leia a tira a seguir para responder às questões 3 a 5.



3. Observe a diferença de formato entre o retângulo e os balões que contêm o texto verbal no primeiro quadrinho.

- Deduza: De quem é a voz em cada um deles?
- Qual é o sentido das falas contidas nos balões?

4. Você estudou que os modos de usar a língua podem variar conforme diferentes fatores.

- Os indivíduos de qual grupo retratado na tira usam uma linguagem semelhante?
- Que identidade é construída para esse grupo no contexto da tira?

5. No segundo quadrinho, há quatro balões de fala.

- Que balões têm falas semelhantes às dos balões do primeiro quadrinho?
- Troque ideias com a turma e conclua: Com que sentido é habitualmente usada a expressão **voz interior**?
- Na tirinha, o que leva essa expressão a provocar humor?

Fonte: Cereja e Vianna (2024, p.47).

Na imagem presente da Figura 13, que tem três questões, observamos que as perguntas 3 e 5 não retomam nenhum aspecto discutido anteriormente em relação à variação, como norma-padrão, variedades linguísticas, preconceito linguístico, etc. Desse modo, somente a questão 4 apresentou um comando para os alunos e uma correlação entre os usos linguísticos retratados na tirinha e a variação. Porém, constatamos que nesse exercício poderiam ser explorados aspectos para interação e discussão em sala de aula sobre algumas gírias presentes no texto e as questões valorativas atribuídas a elas socialmente.

Figura 14 - Continuação do Exercício.

6. Observe as duas capas de livros a seguir. Esses livros são traduções do livro francês *Um petit chaperon rouge*, de Marjolaine Leray, feitas no Brasil e em Portugal, respectivamente.

**Capa 1**



► Capa do livro *Uma Chapeuzinho Vermelho*, de Marjolaine Leray. Tradução de Júlia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012.

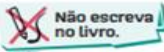
**Capa 2**



► Capa do livro *Um Capuchinho Vermelho*, de Marjolaine Leray. Tradução de Maria Afonso. Lisboa: Orfeu Mini, 2018.

Considerando que os dois livros são traduções para o português de uma mesma obra, por que têm títulos diferentes?

7. Faz mais de quinhentos anos que a língua portuguesa foi trazida pelos portugueses para o Brasil. De lá para cá, muitas mudanças ocorreram na língua dos dois países. Veja algumas palavras usadas no Brasil e suas correspondentes em Portugal.



Não escreva no livro.

| Brasil              | Portugal          |
|---------------------|-------------------|
| ônibus              | autocarro         |
| abridor de garrafas | tira-cápsula      |
| aeromoça            | hospedeira        |
| café da manhã       | pequeno almoço    |
| chiclete            | pastilha elástica |

Tente descobrir a correspondência entre as seguintes palavras do português brasileiro e do português de Portugal. Indique-a no caderno.

**Brasil**

- a) calcinha
- b) caqui
- c) fila
- d) garoto
- e) salva-vidas
- f) sorvete
- g) telefone celular
- h) bola

**Portugal**

- gelado
- miúdo
- cueca
- bicha
- dióspiro
- banheiro
- telemóvel
- esférico

A questão 06 do exercício trata apenas da diferença entre a tradução do título do livro “Uma Chapeuzinho Vermelho” para o Português do Brasil e o de Portugal. Na sequência, encontramos a questão 07 com comandos para identificação e comparação dos termos linguísticos usados nos dois países.

Logo após essa atividade, a seção “A língua em foco” é encerrada e o livro traz a seção “Semântica e Discurso”, que embora não tenha sido escolhida inicialmente como foco direto desta análise, passamos a analisá-la, a fim de observarmos se havia uma continuidade de discussão do nosso objeto de estudo (a variação linguística) dentro do capítulo 2. A identificação que fizemos é que duas questões da atividade mencionaram a variação linguística, porém sem haver algumas retomadas aos conceitos e aspectos estudados no referido capítulo analisado.

Da análise realizada, podemos identificar que o livro do 6º ano, mais especificamente a parte da seção analisada, contempla uma proposição inicial de discussão da temática da variação linguística, ao apresentar os conceitos (variedades de prestígio, norma-padrão) e mencionar a existência de algumas variedades linguísticas e, até mesmo, reconhecer que o preconceito linguístico está baseado em crenças do senso comum. Contudo, as atividades propostas a partir desses textos não direcionam os alunos a fazer uma análise e reflexão sobre os diversos usos linguísticos.

De posse da obra digital, fizemos uma busca pela palavra “variação linguística” e encontramos a menção a esse termo somente cinco questões dentro de outras seções presentes nos demais capítulos e unidades. Contudo, foram perguntas sem que, de fato, houvesse um direcionamento para reflexão crítica e/ou um estudo acerca das variedades linguísticas, inclusive daquelas desprestigiadas socialmente.

Uma observação importante corresponde ao fato de que na parte de apresentação do livro analisado, encontramos o seguinte trecho “Ao longo desta obra serão sugeridas a você atividades para que possa refletir a respeito do preconceito linguístico, observar de que modo ele se apresenta no cotidiano e como pode ser combatido” (Cereja; Vianna, 2024, p.45). Todavia, quando comparamos essa citação à atividade de exercício composta por 6 questões, não observamos atividades que tratam explicitamente dessa reflexão sobre as formas de preconceitos linguísticos presentes na sociedade brasileiro ou mesmo nas escolas.

Bagno (2007), na obra “Preconceito linguístico, como é? e como se faz?” faz referência a uma educação linguística e a necessidade de se combater os mitos

linguísticos que reforçam a discriminação e o preconceito em relação às variedades de uso não padronizadas, que, em geral, são desprestigiadas na sociedade brasileira.

Como pondera Silva e Oliveira (2019),

[...] o preconceito linguístico existe fortemente fora e dentro da escola e cabe aos professores mostrar aos estudantes que, assim como existem pessoas diferentes, há falas diferentes, pois, a variação linguística não ocorre de maneira desordenada ou aleatória (Silva; Oliveira, 2019, p. 23).

Nessa direção, compreendemos que os livros didáticos de Língua Portuguesa devem contemplar propostas de ensino com práticas de análise sobre a variação linguística, a fim de propiciar reflexão e conscientização sobre a língua e suas variedades linguísticas, bem como sobre o valor que os falantes atribuem aos usos da língua não prestigiados socialmente.

A seguir, serão apresentadas as análises do livro do 7º ano do Ensino Fundamental.

5.2 Análise do Livro do 7º Ano

O segundo material didático analisando é o livro “Português: Linguagens”, direcionado ao 7º ano do Ensino Fundamental. Neste livro encontramos a proposição de análise da variação linguística na Unidade 2, capítulo 3, como se pode ver na seção “Língua em foco”, ilustrada na Figura 15:

Figura 15 - Sumário do Livro do 7º Ano.

|                                                                  |  |
|------------------------------------------------------------------|--|
| <b>Unidade 2 - Viagem pela palavra</b> .....104                  |  |
| <b>Capítulo 1 - Trem da fome</b> .....107                        |  |
| > <i>Um gênero com forma, de Sotero Krügel</i> .....108          |  |
| <b>Estudo do texto</b> .....109                                  |  |
| Compreensão e interpretação.....109                              |  |
| A linguagem do texto.....110                                     |  |
| Trocando ideias.....110                                          |  |
| <b>A língua em foco</b> .....111                                 |  |
| Marfaccione: seleção e combinação dos gêneros.....111            |  |
| Sujeito e predicado.....112                                      |  |
| Sentenças e discursos.....112                                    |  |
| Do olho na escrita.....112                                       |  |
| algumas questões notacionais.....112                             |  |
| <b>Produção de texto</b> .....113                                |  |
| Poesia: construção e recursos expressivos.....113                |  |
| Alguns e a sua voz: poema.....113                                |  |
| <b>Capítulo 2 - Quênto a vida é</b> .....114                     |  |
| > <i>Um gênero com forma, de Sotero Krügel</i> .....115          |  |
| <b>Estudo do texto</b> .....115                                  |  |
| Compreensão e interpretação.....115                              |  |
| A linguagem do texto.....116                                     |  |
| Trocando ideias.....116                                          |  |
| <b>A língua em foco</b> .....116                                 |  |
| Técnicas de ligação e predicação do sujeito.....116              |  |
| Sentenças e discursos.....116                                    |  |
| Do olho na escrita.....116                                       |  |
| análise das ideias e dos fatos.....116                           |  |
| <b>Produção de texto</b> .....117                                |  |
| Criação: construção e recursos expressivos.....117               |  |
| Alguns e a sua voz: coral.....117                                |  |
| Qualidade em foco: declaração de coral.....117                   |  |
| <b>Passando a limpo: Intervalo: Voz e poesia visual</b> .....117 |  |

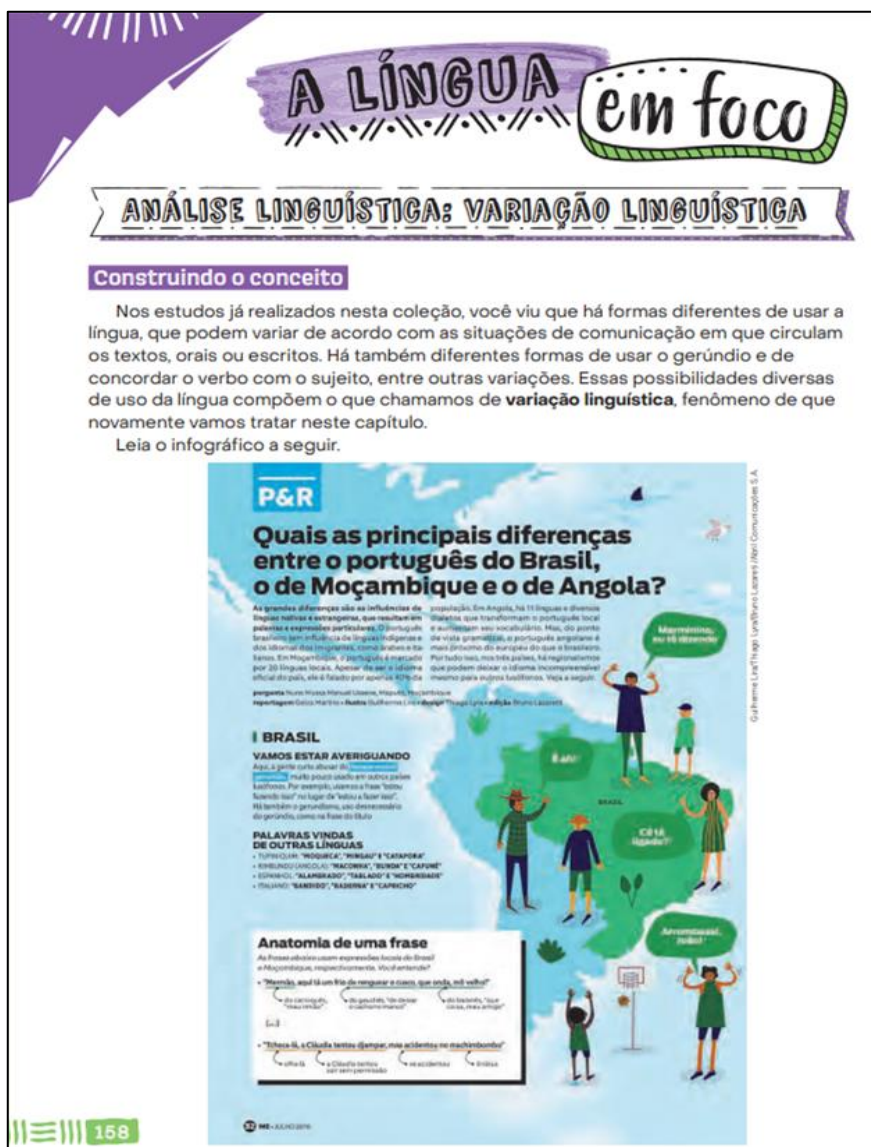
|                                                          |  |
|----------------------------------------------------------|--|
| <b>Capítulo 3 - Cores e dores do sertão</b> .....152     |  |
| > <i>As coisas do meu sertão, de Zé Bezerra</i> .....153 |  |
| <b>Estudo do texto</b> .....154                          |  |
| Compreensão e interpretação.....154                      |  |
| A linguagem do texto.....155                             |  |
| Trocando ideias.....156                                  |  |
| Cruzando linguagens.....157                              |  |
| <b>A língua em foco</b> .....158                         |  |
| Análise linguística: variação linguística.....158        |  |
| Para escrever com adequação: concordância verbal.....164 |  |

Fonte: Cereja e Vianna (2024, p. 7).

Observando a imagem do livro do 7º ano, verificamos que a seção “A língua em foco” apresenta uma proposição de uma análise linguística da variação linguística. Desse modo, apenas as referidas páginas desta seção foram selecionadas para análise, tendo em vista os objetivos definidos previamente. Nessa parte do livro, aparece o tópico “Construindo conceito”, fazendo uma retomada ao fenômeno da variação linguística, que é abordado em outros livros da coleção didática, como por exemplo no do 6º ano analisado anteriormente.

A proposição da seção “A língua em foco” é a análise linguística entre as diferenças do Português falado no Brasil, em Moçambique e na Angola. Para tanto, apresentação de um infográfico, que podemos observar na Figura 16:

**Figura 16 - Proposta de Análise Linguística.**



Fonte: Cereja e Vianna (2024, p.158).



Nessa parte do infográfico, a abordagem da variação linguística é feita a partir de uma análise linguística, sobre as particularidades de uso do português em Angola e Moçambique, levando em conta a influência das línguas nativas dos países colonizados e das línguas estrangeiras dos imigrantes.

É ressaltado que o português usado pelos angolanos é muito próximo do falado pelos seus colonizadores, os portugueses. No entanto, apesar dessa semelhança de usos linguísticos, existe a influência das línguas dos povos nativos, como nos léxicos “KIMBUNDU - Muxima (coração)”, “UMBUNDO - Atilili (pipoca)”, “COKWE - Katapi (amendoim)” e “KIKONGO - Sukadi (açúcar).

Após o infográfico ilustrado na Figura 17, verificamos que aparece uma atividade com 08 questões. A primeira delas traz duas reflexões sobre as influências a língua usada na América e na África por influência do colonizador europeu, os portugueses. Observemos na Figura 18:

**Figura 18 – Atividade.**

- 1.** Segundo o texto, o português sofreu e sofre algumas influências de outras línguas.
  - a)** Entre elas, quais são mencionadas na reportagem?
  - b)** Considerando o processo histórico da implantação do português, levado pelo colonizador europeu para a América e para a África, que influências essa língua sofreu nos dois continentes?
- 2.** Sabemos que os usos da língua variam de acordo com diferentes parâmetros. A seguir estão listados três desses parâmetros.
  - Variação sociocultural, isto é, os usos da língua se modificam conforme o segmento da sociedade de que procede o falante, podendo também estar relacionados ao seu grau de escolaridade.
  - Variação geográfica, isto é, os usos da língua se modificam conforme a região de origem do falante.
  - Variação individual, isto é, os usos da língua se modificam conforme as características da situação de comunicação (quem fala com quem, onde, com quais objetivos, etc.) na qual se engaja o falante.

Fonte: Cereja e Vianna (2024, p. 159).

Na primeira questão da atividade sobre a variação linguística, podemos perceber que o livro didático no infográfico anterior propõe uma análise com ênfase no papel do fator histórico no processo de mudança linguística, a partir da consideração do processo implantação do português nos continentes americano e asiático. Já na segunda questão do mesmo exercício, é enfatizado a influência dos

fatores externos de usos da língua ao apresentar os tipos de variação (sociocultural, geográfica e estilística).

**Figura 19** - Continuação da Atividade (parte I).

3. No texto, entre os fatos linguísticos mencionados sobre o português brasileiro:

- Há algum com o qual você se identifica, isto é, você e/ou as pessoas com quem convive utiliza(m) alguma(s) das construções citadas? Em caso afirmativo, qual (quais)?
- Discuta com os colegas e o professor, citando outros termos e expressões típicos de sua fala e da fala das pessoas com quem você convive.

4. A reportagem aborda também o uso do gerúndio no Brasil e em outros países lusófonos. Segundo o texto:

- Qual é a principal diferença entre esses usos?
- Qual construção é denominada **gerundismo** pelo texto? Qual é o verbo principal dessa construção e qual é o seu sentido no contexto?
- Você provavelmente estudou, no 6<sup>a</sup> ano, os usos do gerúndio, ou seja, sabe que a adequação ou não do uso desse modo verbal está associada à duração da ação verbal a que se faz referência. Discuta com os colegas e o professor: Por que essa construção foi classificada como **gerundismo** pelo texto?



► Moçambicanos em Maputo, dezembro de 2016.

5. Releia esta estrofe do cordel que você estudou na abertura deste capítulo:

-----o-----

Mas se não chove aqui  
 É grande a desolação  
 Morre de fome o gado  
 Não se faz plantação  
 Todo mundo a correr  
 Na cidade vai viver  
 Fica triste o meu sertão

 Não escreva no livro.

Fonte: Cereja e Vianna (2024, p. 160).

Na questão três, identificamos que o livro didático propõe uma reflexão, que os estudantes observem os conceitos da questão dois e identifiquem se eles fazem uso de algum dos fatores, a fim de abrir uma discussão entre os alunos acerca da variação. Todavia, reforçamos que na prática de ensino, essa reflexão dependerá naturalmente

do modo como o professor de Língua Portuguesa vai conduzir essa atividade em sala de aula.

Na sequência, a questão quatro traz o caso específico do uso do gerundismo presente no Brasil e em países lusófonos, solicitando aos alunos e professores uma discussão sobre a adequação de uso desse modo verbal a partir do texto presente no infográfico (figuras 15 e 16). E a questão cinco retoma a leitura de um trecho do cordel “*As coisas do meu sertão*”, de Zé Bezerra, apresentado no início do capítulo para reforçar os exemplos de usos do gerúndio por meio de equivalências com alguns versos do referido texto.

Nas questões seis e sete, o livro aborda o fenômeno da variação linguística ao propor uma análise de expressões usadas na reportagem por meio da reflexão sobre as variedades de usos da língua Portuguesa, considerando a influência do fator geográfico nos modos de falar em cada estado brasileiro, ao passo que reforça as mudanças nas formas de comunicação trazidas pelos recursos tecnológicos e o uso da internet.

**Figura 20 - Continuação da Atividade (parte II).**

6. A reportagem, nas frases que apresenta como exemplos, nomeia diferentes formas de falar o português no Brasil de acordo com o estado.

- Quais são essas formas de falar e qual critério foi usado para formar esses nomes?
- Seguindo esse mesmo critério, como você denominaria o português falado por você?

7. No uso real da língua, as expressões destacadas na reportagem, que pertencem a variedades diversas da língua portuguesa, não teriam sido empregadas ao mesmo tempo. Como você pôde perceber, trata-se de um texto que foi escrito com o propósito, justamente, de ilustrar essas diferenças, chamando a atenção dos leitores para sua existência. Pensando nisso, reflita com os colegas e o professor e, em seguida, responda no caderno:

- Como falante e estudante da língua portuguesa, você considera importante conhecer aspectos de suas diferentes variedades geográficas? Por quê?
- Em um mundo cada vez mais globalizado, em que a comunicação entre pessoas de diferentes lugares é facilitada pela internet e outros recursos tecnológicos de comunicação, de que forma conhecer as variedades de sua própria língua materna pode ajudar você a se integrar com pessoas do nosso próprio país (que é enorme e muito variado) e com pessoas de outros países de língua portuguesa?
- Você já teve oportunidade de interagir com falantes da língua portuguesa, brasileiros ou de outros países, que vivem em regiões diferentes daquela em que você mora? Em caso afirmativo, conte para os colegas como foi essa experiência e o que ela ensinou a você sobre sua própria língua.

8. Observe as seguintes construções, citadas na reportagem:

-----○-----  
 Temos para si todo o tipo de eletrodomésticos.  
 Meus pais nasceram minha irmã.  
 -----○-----

- Em qual país falante de português cada uma delas é utilizada?
- Como vocêalaria a primeira frase? Justifique sua resposta.
- Como você reconstruiria a segunda frase utilizando o mesmo verbo?
- Como você reconstruiria a segunda frase substituindo apenas o verbo e mantendo o mesmo sujeito e o mesmo complemento?

161

Para encerrar essa sessão de análise, a questão oito traz duas construções citadas no texto da reportagem que foi utilizada como base para todas as demais questões: “Temos para si todo o tipo de eletrodoméstico” e “Meus pais nasceram minha irmã”. O comando da questão solicita que os estudantes identifiquem a qual país pertencem as expressões e como eles fariam cada uma das construções que foram escritas a partir de uma reportagem.

Na sequência, encontramos no tópico “Conceituando” uma discussão acerca da variação linguística e da norma-padrão. O livro ressalta alguns fatores que influenciam os diversos usos em razão da situação de comunicação. Vejamos na Figura 21:

**Figura 21 - Conceituando - Variação linguística/ Norma-Padrão.**

### Conceituando

Ao responder às questões anteriores sobre a reportagem lida, você viu que a língua portuguesa pode ser utilizada de diferentes formas, dependendo da origem geográfica do falante, isto é, de qual país, região ou cidade ele vem. A **variação linguística**, entretanto, é um fenômeno que vai muito além das diferenças por localização geográfica, uma vez que os usos e as formas da língua podem variar até mesmo nas construções elaboradas por um único falante, que modifica suas escolhas em razão das situações de comunicação em que se envolve, sejam elas menos ou mais formais.

Da mesma forma, notamos diferenças no uso que fazemos da língua quando estamos falando ou escrevendo. Também se modificam os usos se o falante pertence a um ou outro grupo social ou, ainda, se é um falante mais jovem ou mais velho. E essas são apenas algumas das possibilidades de variação linguística.

Nesse contexto de variação intrínseca à língua, embora tenha sido instituída uma **norma-padrão**, ela é uma abstração: não corresponde a nenhuma variedade linguística existente, pois não foi construída com base na fala de nenhum grupo social ou falante específico. De qualquer forma, em situações de comunicação mais formais, sejam elas orais, sejam escritas (por exemplo, entrevistas e palestras mais estruturadas, textos de provas e exames e correspondências oficiais), a expectativa, em geral, é de que o falante ou escritor se aproxime mais dos usos sugeridos pela norma-padrão.

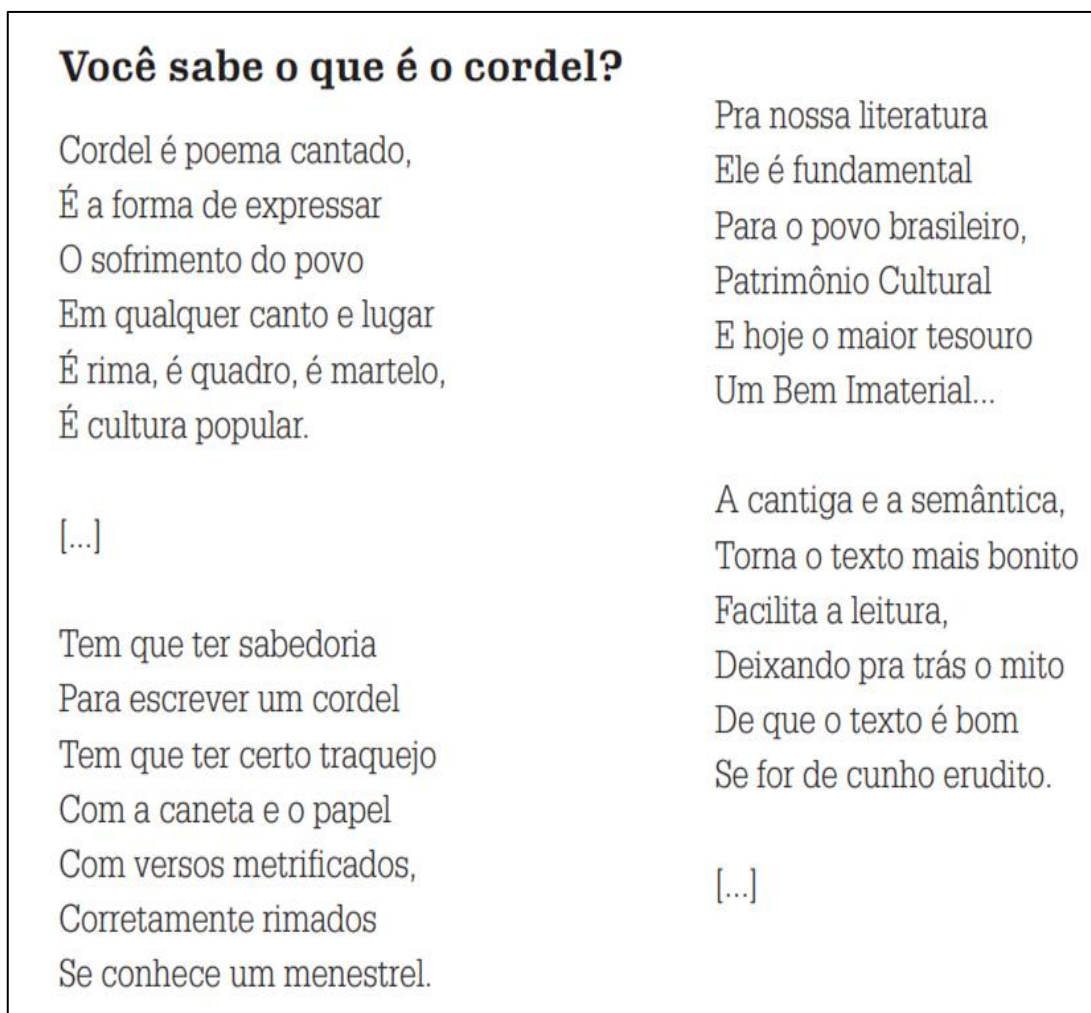
Fonte: Cereja e Vianna (2024, p. 162).

No tópico “Conceituando”, podemos observar que o livro didático traz a retomada conceitual da variação linguística reconhecida como um fenômeno inerente às línguas. Além disso, afirma-se que a norma-padrão não corresponde a nenhuma variedade linguística, uma vez que representa uma referência abstrata de uso da língua. Nessa parte do livro, fazemos uma intertextualidade com o que defende Bagno (2007, p. 107), de que a norma-padrão “[...] não corresponde a nenhum uso real da

língua, constituindo-se muito mais como um modelo, uma entidade abstrata, um discurso sobre a língua, uma ideologia linguística”.

Na sequência, o livro didático apresenta várias atividades na seção intitulada “Exercícios”. Assim, para iniciar as discussões acerca da variação e da norma-padrão, é apresentado um trecho de um poema de cordel de Chiquinho do Além-mar, e na sequência, as questões 1, 2 e 3.

**Figura 22 - Cordel - Você sabe o que é cordel?**



Fonte: Cereja e Vianna (2024, p. 162).

As questões 1, 2 e 3 direcionam uma análise na qual os estudantes podem observar no cordel os trechos em que há referência à norma-padrão na escrita. Na sequência, propõe-se um diálogo entre alunos e professor, a fim de promover uma discussão acerca de norma-padrão e do uso da “linguagem coloquial” e da “linguagem formal”.

### Figura 23: Exercício

1. Além de explicar o que é o cordel, no poema há outras observações.
  - a) Segundo o texto, que características um menestrel precisa ter?
  - b) O poema destaca valores do cordel para os brasileiros. Você concorda com esses valores? Explique.
2. Alguns aspectos da linguagem do po
  - a) Levante alguns aspectos que, para você, podem mostrar que o texto se aproxima da linguagem coloquial, do dia a dia.
  - b) Indique também trechos em que, para você, a linguagem usada parece mais formal.
  - c) O que essa mistura de formalidade com informalidade pode revelar sobre a linguagem do texto? Converse com os colegas e, com a ajuda do professor, tentem chegar a um consenso sobre isso.
3. Releia a última estrofe reproduzida.
  - a) Qual é o sujeito das formas verbais **torna** (em “Torna o texto mais bonito”) e **facilita** (em “Facilita a leitura”)?
  - b) Pelas regras de concordância da norma-padrão, esses verbos deveriam ser flexionados de que maneira?
  - c) Por que, em sua opinião, o poeta preferiu empregar uma concordância diferente do que preveem as regras da norma-padrão? (Para refletir sobre isso, considere o sentido geral de toda a estrofe.)

Fonte: Cereja e Vianna (2024, p. 163)

Na sequência, a atividade traz as últimas questões (4º, 5º e 6º) que não foram objetos de análise, porque embora se relacionassem ao cordel, tratavam especificamente de estudo da gramática normativa, como o uso da próclise, formação de palavras (uso de prefixo e sufixo).

Em síntese, fazendo uma reflexão sobre os conceitos e as atividades propostas na seção “A língua em foco” (das páginas 158 a 163) do livro do 7º ano, verificamos que em relação ao estudo dos diversos usos linguísticos, o material deu destaque para a análise dos fatores geográficos. Essa constatação nos remete a análise que Faraco (2008) já fez em relação a muitos livros didáticos, pois, segundo ao autor, em relação ao tratamento das variedades linguísticas ainda há o predomínio do estudo da variação geográfica, porque, segundo ele, é “[...] a mais fácil de ser abordada por envolver menos preconceitos do que a variação social” (p. 179).

Como um ponto positivo, identificado nessa parte do livro do 7º ano o reconhecimento da norma-padrão enquanto referência idealizada “abstrata” de uso da língua. Logo, diferentemente do livro do 6º ano, na seção analisada não houve uma ênfase ao estudo da variedade de prestígio social. No entanto, já na página 164, no tópico intitulado “Para escrever com adequação”, embora o leitor seja induzido a pensar que a seção vai tratar da adequação linguística, o foco é somente o estudo das regras de concordância verbal voltado para a modalidade da língua escrita, que segue como referência a norma culta, padronizada da língua Portuguesa.

A análise do livro do 7º ano ficou restrita à seção “A língua em foco”, mais precisamente das páginas 158 a 163, porque é a única parte do material destinada para o estudo do fenômeno da variação linguística. Essa constatação de seu quando fizemos uma busca na versão digital, pois nos demais capítulos encontramos a referência à “variação linguística” em duas questões de atividades, mas sem o foco explícito na análise e reflexão sobre os diversos usos.

Aqui fazemos um diálogo com o que Bagno (2007, p. 119) reflete sobre os livros didáticos, posto que, embora haja “[...] uma vontade sincera dos autores de combater o preconceito linguístico e de valorizar a multiplicidade linguística do português Brasileiro”, falta em muitos casos “uma base teórica consistente [...]”. Aqui acrescentamos o fato do livro do 7º ano apresenta somente uma seção, em um ou dois capítulos, logo, não é suficiente propor uma análise crítica e reflexiva, considerando a complexidade do fenômeno da variação linguística.

5.3 Livro do 9º Ano

O terceiro livro selecionado para análise da coleção “Português: Linguagens” foi o material do 9º ano do Ensino Fundamental, que contempla a abordagem da temática da variação linguística no capítulo 3 da Unidade 2, conforme ilustração a seguir:

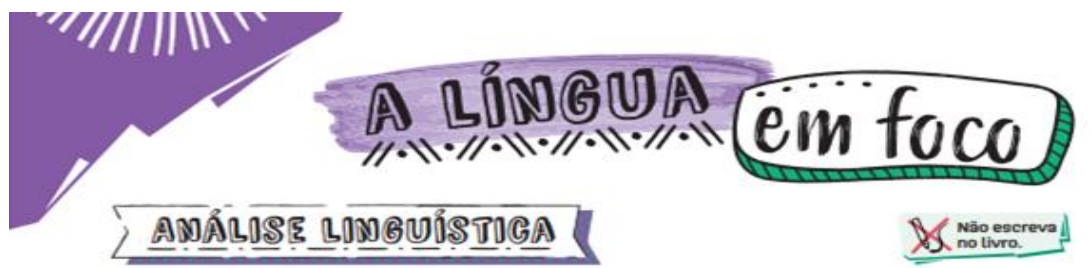
Figura 24 - Sumário do Livro do 9º Ano.

|                                                                                                               |             |           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|-----------|
| <b>Unidade 2</b>                                                                                              | <b>Amor</b> | <b>90</b> |
| <b>Capítulo 1 – O tempo do amor</b>                                                                           |             | 93        |
| > O tempo passa? Não passa, de Carlos Drummond de Andrade                                                     |             | 94        |
| > Soneto de fidelidade, de Vinícius de Moraes                                                                 |             | 95        |
| <b>Estudo do texto</b>                                                                                        |             | 96        |
| Compreensão e interpretação                                                                                   |             | 96        |
| A linguagem do texto                                                                                          |             | 97        |
| Trocando ideias                                                                                               |             | 98        |
| Oralidade em foco: declamação de poemas                                                                       |             | 99        |
| <b>A língua em foco</b>                                                                                       |             | 99        |
| Orações subordinadas adjetivas                                                                                |             | 99        |
| Classificação das orações subordinadas adjetivas                                                              |             | 100       |
| Restritivas                                                                                                   |             | 101       |
| Explicativas                                                                                                  |             | 101       |
| Orações subordinadas adjetivas reduzidas                                                                      |             | 103       |
| Semântica e discurso                                                                                          |             | 104       |
| De olho na escrita: adjetivos patrios                                                                         |             | 108       |
| <b>Produção de texto</b>                                                                                      |             | 111       |
| Poema: construção e recursos expressivos                                                                      |             | 111       |
| Paródia: construção e recursos expressivos                                                                    |             | 112       |
| Agora é a sua vez: poema ou paródia de poema                                                                  |             | 113       |
| <b>Capítulo 2 – Onde está o amor?</b>                                                                         |             | 115       |
| > Felicidade clandestina, de Clarice Lispector                                                                |             | 115       |
| <b>Estudo do texto</b>                                                                                        |             | 118       |
| Compreensão e interpretação                                                                                   |             | 118       |
| A linguagem do texto                                                                                          |             | 119       |
| Trocando ideias                                                                                               |             | 120       |
| <b>A língua em foco</b>                                                                                       |             | 121       |
| Orações subordinadas adverbiais                                                                               |             | 121       |
| Classificação das orações subordinadas adverbiais                                                             |             | 123       |
| Temporais                                                                                                     |             | 123       |
| Condicional                                                                                                   |             | 123       |
| Concessivas                                                                                                   |             | 124       |
| Proporcionais                                                                                                 |             | 124       |
| Causais                                                                                                       |             | 124       |
| Consecutivas                                                                                                  |             | 124       |
| Comparativas                                                                                                  |             | 124       |
| Conformativas                                                                                                 |             | 124       |
| Finais                                                                                                        |             | 124       |
| Relações lógicas em orações subordinadas adverbiais causais e em orações subordinadas adverbiais consecutivas |             | 126       |
| Orações subordinadas adverbiais reduzidas                                                                     |             | 127       |
| Semântica e discurso                                                                                          |             | 129       |
| <b>Produção de texto</b>                                                                                      |             | 130       |
| Conto: construção e recursos expressivos                                                                      |             | 130       |
| Agora é a sua vez: conto                                                                                      |             | 131       |
| <b>Capítulo 3 – Cartas de amor? Ridículo!</b>                                                                 |             | 133       |
| > Todas as cartas de amor são ridículas, de Fernando Pessoa                                                   |             | 134       |
| <b>Estudo do texto</b>                                                                                        |             | 135       |
| Compreensão e interpretação                                                                                   |             | 135       |
| A linguagem do texto                                                                                          |             | 136       |
| Oralidade em foco: declamação de poema                                                                        |             | 136       |
| Cruzando linguagens                                                                                           |             | 137       |
| Trocando ideias                                                                                               |             | 139       |
| <b>A língua em foco</b>                                                                                       |             | 140       |
| Análise linguística: Variação linguística – estrangeirismos                                                   |             | 140       |
| De olho na escrita: C, Q ou B?                                                                                |             | 141       |
| <b>Produção de texto</b>                                                                                      |             | 145       |
| Conto contemporâneo: construção e recursos expressivos                                                        |             | 145       |
| Miniconto                                                                                                     |             | 149       |
| Agora é a sua vez: conto contemporâneo e miniconto                                                            |             | 149       |
| Oralidade em foco: leitura dramatizada de contos em vídeo                                                     |             | 151       |
| <b>Passando a limpo</b>                                                                                       |             | 152       |
| <b>Intervalo: Literatura em revista</b>                                                                       |             | 154       |

Fonte: Cereja e Vianna (2024, p.7).

A seção “A língua em foco” do capítulo três (da página 140 e vai até a p.143), traz uma proposta de reflexão acerca da variação linguística com foco no estudo dos “estrangeirismos”. Nessa parte do livro didático, é apresentada uma breve contextualização sobre o estrangeirismo remetendo a identificação de palavras que são usadas por influência de outros idiomas.

**Figura 25** - Apresentação da seção “A língua em foco”.



**ANÁLISE LINGÜÍSTICA**

**➤ VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA - ESTRANGEIRISMOS**

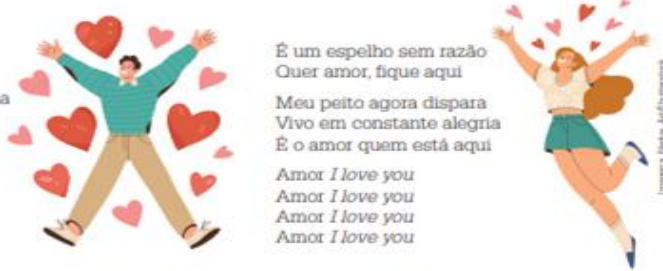
Na experiência que você tem como falante da língua portuguesa e nos estudos que já fez da nossa língua, certamente observou que muitas palavras de outros idiomas vão sendo incorporadas ao nosso à medida que se mostram eficientes nas diversas situações de comunicação. Algumas dessas palavras são utilizadas por um tempo e depois são abandonadas; outras são traduzidas ou adaptadas; e outras mantêm sua forma original. Trata-se de um fenômeno que ocorre em todas as línguas, em decorrência da influência que umas exercem sobre outras.

Na letra de canção a seguir, você vai observar uma expressão da língua inglesa muito empregada no dia a dia em nossa língua. Leia-a e verifique se você reconhece essa expressão.

**Amor I love you**

Deixa eu dizer que te amo  
Deixa eu pensar em você  
Isso me acalma, me acolhe a alma  
Isso me ajuda a viver

Hoje contei pras paredes  
Coisas do meu coração  
Passeei no tempo  
Caminhei nas horas  
Mais do que passo a paixão



É um espelho sem razão  
Quer amor, fique aqui

Meu peito agora dispara  
Vivo em constante alegria  
É o amor quem está aqui

Amor I love you  
Amor I love you  
Amor I love you  
Amor I love you

*O primo Basílio, de Eça de Queiroz (1878) “[...] tinha suspirado, tinha beijado o papel devotamente! Era a primeira vez que lhe escreviam aquelas sentimentalidades, e o seu orgulho dilatava-se ao calor amoroso que saía delas, como um corpo ressequido que se estira num banho tépido; sentia um acréscimo de estima por si mesma, e parecia-lhe que entrava enfim numa existência superiormente interessante, onde cada hora tinha o seu encanto diferente, cada passo conduzia a um êxtase, e a alma se cobria de um luxo radioso de sensações!”*

AMOR I love you. Intérpretes: Marisa Monte e Amalido Antunes. Compositores: Carlinhos Brown e Marisa Monte. In: MEMÓRIAS, crônicas e declarações de amor. Intérprete: Marisa Monte. Rio de Janeiro: Phonomotor Records/EMI, 2000. 1 CD, faixa 1. Disponível em: <https://www.marisamonte.com.br/composicoes/>. Acesso em: 26 maio 2022.

**1. Observe o tema dessa letra de canção.**

- Qual é ele?
- O eu lírico parece sentir-se realizado? E correspondido? Justifique com verso(s) da canção.
- No final da letra, há um trecho de um romance, *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz, escritor português do século XIX. Nele, o narrador descreve de que maneira a personagem principal, Luísa, reage ao receber um bilhete de amor. A reação dessa personagem parece alinhada ao sentimento do eu lírico da canção? Explique.



Fonte: Cereja e Vianna (2024, p. 140).

Para introduzir o estudo dos “estrangeirismos”, é apresentando uma letra da canção “Amor I love you”, de Carlinhos Brown e Marisa Monte, seguido de um trecho

do romance “O primo Basílio”, de Eça de Queiroz. Na sequência, o livro traz três questões sobre os textos. Nas duas primeiras perguntas não há direcionamento para análise da variação linguística e somente a questão 03 faz uma retomada da expressão “I love you”, presente na canção apresentada anteriormente, e alguns comandos para se discutir o uso de expressões equivalentes na língua portuguesa.

A partir dessa atividade, o livro didático apresenta, de forma breve, o conceito acerca do estrangeirismo em diálogo com a questão 3 do exercício, destacando algumas palavras que caracterizam o estrangeirismo segundo o material didático. Vejamos a Figura 26:

**Figura 26** - Conceituando Estrangeirismo.

Ao responder às questões relativas à letra de canção, você provavelmente percebeu que palavras e expressões estrangeiras são frequentemente empregadas na língua portuguesa, em diferentes contextos, algumas sendo de uso corrente em nosso dia a dia. Na realidade, não há uma língua essencialmente pura, que não sofra interferência de outras. O léxico de uma língua, isto é, o vocabulário que a constitui, vai absorvendo ao longo dos anos palavras criadas pelos falantes da própria língua e também palavras e expressões de origem estrangeira, que chegam por meio do contato e de trocas entre seus falantes e falantes de outras línguas do mundo. Essas palavras e expressões estrangeiras são chamadas **estrangeirismos**.

Esse intercâmbio é produto de relações culturais, sociais, políticas, tecnológicas, comerciais, científicas, entre outras. Em alguns casos, a palavra ou expressão estrangeira é traduzida, como **supermercado**, **cachorro-quente**; em outros, ela é ajustada à fonética e à ortografia da língua portuguesa, como **trem** (*train*), **clube** (*club*); há também casos em que ela é inserida com a sua grafia original, como **hardware**, **office-boy**, **plus size**.

Fonte: Cereja e Vianna (2024, p. 141).

Após essa contextualização acerca do “estrangeirismo”, analisamos um outro bloco de questões propostas em uma atividade de análise a partir da seguinte matéria jornalística presente na Figura 27:

**Figura 27 - Matéria Jornalística - Embaixadoras da autoestima.**

### **Embaixadoras da autoestima na web, blogueiras promovem pluralidade e aceitação**

A busca pela perfeição na **internet** pode trazer danos. Um estudo da **Royal Society for Public Health** afirma que o **Instagram** é considerado a rede que mais afeta negativamente a saúde mental dos jovens. Foram analisados fatores como imagem corporal, **bullying**, ansiedade, solidão, autoexpressão e autoimagem.

A psicóloga clínica Pamela Magalhães acredita que a cobrança na **web** existe. “O que vai variar é como eu consigo me portar respeitando aquilo que eu sou, e não escravizada a ser da maneira que eu imagino que as pessoas queiram ver”. Ela afirma que uma maneira de contornar os efeitos negativos que o espaço **on-line** pode trazer aos usuários é exercitar a percepção e a aceitação de si próprio. Ou seja, fortalecer a autoestima.

Erroneamente associada à vaidade e atributos físicos, a autoestima, segundo Pamela, “é o quanto de carinho eu guardo pra mim, como eu trato cada pedaço meu”. Ela ressalta que se gostar é um ato que traz reflexos em todos os aspectos da vida, pois quem tem boa autoestima faz escolhas construtivas que alimentam ciclos positivos. Por outro lado, segundo a psicóloga, aqueles com problemas de autoestima não fazem boas escolhas por não se julgarem merecedores delas.

[...]

Atualmente um movimento de mulheres poderosas tem por objetivo promover a confiança e a autoaceitação com vídeos e fotos que remetam à vida como ela é, sem truques e retoques para atingir qualquer padrão. A ideia é justamente se contrapor à leva de perfis que ilustram uma rotina plastificada, **glamourosa** e, portanto, irreal, nas redes sociais.

CORRÊA, Jéssica Díez. Embaixadoras da autoestima na web, blogueiras promovem pluralidade e aceitação. *Estadão*, São Paulo, 8 out. 2017. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,embaixadoras-da-autoestima-na-web-blogueiras-promovem-pluralidade-e-aceitacao,70002031170>. Acesso em: 11 maio 2022.

Fonte: Cereja e Vianna (2024, p.141-142).

As questões do exercício proposto apresentam comandos de retomada da matéria jornalística apresentada na Figura 27. Vejamos a primeira parte da atividade ilustrada na Figura 28:

**Figura 28** - Exercícios - 9º ano II.

1. O texto aborda dois fenômenos opostos, causados pela exposição das pessoas nas redes sociais. Quais são esses fenômenos e os responsáveis por eles?
2. No texto, estão destacadas algumas palavras e expressões estrangeiras.
  - a) Quais dessas palavras e expressões são nomes próprios? O que cada um deles denomina?
  - b) Quais dessas palavras estão incorporadas ao português com a mesma grafia da língua de origem? Dê o significado de cada uma.
  - c) Qual delas está aportuguesada, ou seja, apresenta afixo do português? Dê o significado dessa palavra.
  - d) Qual palavra no título desse texto também está aportuguesada e apresenta afixo do português? E qual é o significado dessa palavra?
3. A maioria das palavras em destaque no texto tem origem em uma área de conhecimento específica.
  - a) Qual é essa área? Copie no caderno a resposta correta, entre as opções a seguir.
 

|              |              |
|--------------|--------------|
| • moda       | • tecnologia |
| • psicologia | • saúde      |
  - b) Das palavras destacadas, indique as que pertencem a essa área.
4. Das palavras destacadas no texto:
  - a) Quais estão integradas no seu dia a dia? Em quais situações?
  - b) Há alguma(s) que você não utiliza? Caso haja, qual(uais) você emprega no lugar dela(s)?

Fonte: Cereja e Vianna (2024, p. 142).

As questões de 1, 2, 3 e 4 do exercício proposto apresentam comandos de retomada da matéria jornalística apresentada na Figura 27, que trata de autoestima, aceitação e bullying. Essas questões são de interpretação de texto e induzem a identificação de palavras estrangeiras que são utilizadas no dia a dia, além daquelas originárias de outros idiomas, mas que, ao chegar ao Brasil, por meio da internet, se tornaram palavras “aportuguesadas”.

Na sequência, observamos na questão 5 uma atividade que se propõe a discussão da etimologia da palavra “telefone”, além de comparar o ato de receber e escrever cartas ao ato de conversar através do telefone. Dando continuidade, a atividade a questão 6, que é a última questão da seção “A língua em foco”, aborda o estudo da variação linguística.

**Figura 29 - Continuação da atividade.**

**6.** A linguista Maria Helena de Moura Neves, em um artigo sobre estrangeirismos, expõe alguns argumentos para justificar a introdução de palavras estrangeiras na língua portuguesa. Entre outras, ela faz a seguinte consideração:

-----○-----

[...] **congelador**, na verdade, não é exatamente o mesmo que *freezer*, e *baby-sitter* não é o mesmo que **babá** [...]

NEVES, Maria Helena de Moura. A realidade da incorporação de anglicismos no português do Brasil vista no contexto das atuais contendas sobre o tema. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 47, p. 19-48, jul./dez. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/download/7368/6775/22195>. Acesso em: 2 jun. 2022.

-----○-----

Com base no sentido concreto dos dois termos apontados pela linguista, explique o argumento utilizado por ela. Se considerar conveniente, consulte um dicionário.

Fonte: Cereja e Vianna (2024, p. 143).

Na Figura 29, o estrangeirismo é abordado a partir de uma citação da linguista Maria Helena de Moura Neves “[...] **congelador**, na verdade, não é exatamente o mesmo que *freezer*, e *baby-sitter* não é o mesmo que **babá** [...]”. O livro didático abre uma discussão sobre o significado literal dessas palavras, destacadas em seu idioma de origem.

Com base na análise realizada, verificamos que no livro do 9º ano, na seção “A língua em foco”, é priorizado o estudo de estrangeirismos, ou seja, das palavras de outros idiomas que são incorporados nos usos diários, sobretudo pela influência da globalização e das formas de comunicação de massa graças às tecnologias e a internet. Nessa parte do material analisado, percebemos que as atividades apresentadas não focaram a análise da variação linguística, como sugere o subtítulo da seção (ANÁLISE LINGUÍSTICA-VARIAÇÃO LINGUÍSTICA-ESTRANGEIRISMOS).

A partir dos dados encontrados na análise do livro do 9º, há possivelmente uma indicação de que as informações sobre os estrangeirismos foram selecionadas para trabalho, porque aparece como uma das habilidades (EF09LP12) que destaca a identificação de: “[...] estrangeirismos, caracterizando-os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência, ou não, de seu uso” (Brasil, 2018, p.191).

Para finalizar, com base em uma consulta ao arquivo digital do livro do 9º ano, observamos que, apesar do termo “Variação Linguística” estar presente desde a apresentação do material didático, não foram identificados outros capítulos ou seções que abordem ou que apresentem alguma questão/atividade específica de análise do

fenômeno da variação Linguística, além da seção “A Língua em Foco”. Dessa análise, podemos argumentar que a questão do estudo da variação/diversidade linguística deve estar presente não somente em um capítulo, pois, em virtude da complexidade desse objeto do conhecimento, é preciso apresentar propostas de análise acerca dos diversos usos linguísticos em vários momentos nas aulas de Língua Portuguesa.

#### **5.4 Propostas de ensino dos livros: pontos e contrapontos**

Ao analisarmos os livros didáticos da coleção “Português: Linguagens” destinada aos Anos Finais do Ensino Fundamental, verificamos que as propostas de ensino para o componente curricular Língua Portuguesa (LP) possuem abordagens distintas. Enquanto o livro do 6º ano foca a discussão de aspectos conceituais relativos ao fenômeno da variação linguística, os demais livros analisados (7º e 9º ano) trazem propostas de análise linguística.

Ao compararmos os sumários dos referidos materiais, constatamos que a temática da variação linguística é contemplada em apenas um capítulo de cada livro, mais especificamente na seção intitulada “Língua em foco”. Esse fato também foi comprovado quando fizemos uma busca/pesquisa na versão digital dos três livros. Em virtude disso, a análise descritiva deste estudo focou as propostas apresentadas na seção “Língua em foco”, voltadas para o estudo do fenômeno da variação linguística.

O livro do 6º ano é o material da coleção que traz uma introdução conceitual relativa ao fenômeno da variação linguística, às variedades de prestígio, à norma-padrão, aos tipos de variação e ao preconceito linguístico. No entanto, nesse livro as questões referentes ao estudo e à reflexão das variedades linguísticas desprestigiadas socialmente foram pouco exploradas. Por outro lado, os livros do 7º e 9º ano propuseram para análise por algumas atividades e exercícios sem, contudo, retomar a discussão do fenômeno da variação/diversidade ou apresentar de fato propostas de reflexão crítica sobre as variedades linguísticas e as formas de preconceito.

Após a análise descritiva das propostas apresentadas pelos três livros e de posse da versão digitalizada, fizemos uma leitura das “Orientações Gerais” presentes no material destinado aos professores de Língua Portuguesa. Nessa parte, selecionamos um trecho que faz referência ao propósito da seção “A língua em foco”, que segundo o manual do professor apresentam atividades de reflexões sobre a

língua, a fim de redimensionar o estudo tradicional da gramática, incluindo atividades que contemplam as “[...] variedades linguísticas e preconceito linguístico; as variações de registro (graus de formalidade e pessoalidade) e avaliação apreciativa” (Cereja; Vianna, 2022, p. XLVII).

Acerca das propostas de estudo e reflexão presentes nos livros analisados da Coleção “Português Linguagens”, percebemos que a discussão conceitual acerca do fenômeno da variação linguística se limita a partes específicas do livro. Assim, em relação às variedades linguísticas ainda há o predomínio do ensino da variedade culta, isto é, da norma-padrão, uma vez que nos demais capítulos os tópicos a seção “A língua em foco”, direciona para análise dos aspectos linguísticos da gramática normativa (sintaxe, morfologia, semântica, etc.). Além disso, as atividades dos exercícios não dão conta do debate acerca das formas de preconceito linguísticos decorrentes da avaliação apreciativa frente às variedades de usos linguísticos, sobretudo aquelas usadas por pessoas de grupos sociais desprestigiados e/ou marginalizados socialmente.

Estudo realizado por Gomes (2011) já chamava a atenção para o fato de que em muitos livros didáticos de Língua Portuguesa é comum encontrarmos a abordagem da variação linguística em apenas algumas partes dos livros específicos, nas quais geralmente são apresentados alguns conceitos e exemplos sobre variação, variedades linguísticas e de língua padrão. Todavia, nos demais capítulos/unidades predominam propostas de ensino da língua enquanto sistema, com foco no estudo das regras de uso da variedade linguística prestigiado, tendo como base a gramática normativa.

Gomes (2015) reforça que existe uma incoerência entre a teoria e a prática quando se tratam das propostas de ensino de língua que promovam a reflexão sobre os diversos usos linguísticos e o predomínio do estudo de uma única variedade linguística padronizada. Tais situações podem desencadear ainda formas de preconceito linguístico frente às variedades não prestigiadas socialmente (Gomes, 2017).

Sobre a questão do preconceito linguístico, de modo geral, observamos que as atividades propostas nos três livros poderiam explorar mais questões que direcionassem o professor e os alunos a refletirem nas escolas sobre a diversidade de usos linguísticos. Os livros do 7º e 9º ano, por exemplo, ainda que tenham como foco a reflexão sobre a variação linguística, apresentam análise de textos e atividades

de exercícios que não favorecem a análise no espaço escolar das “[...] diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico” (Brasil, 2018, p.70), como orienta a BNCC.

Na parte da apresentação da coletânea, encontramos referência a uma concepção na perspectiva enunciativa e sociointeracionista, com vistas à integração das práticas de estudo e reflexão sobre a língua Portuguesa, considerando “[...] o tratamento da língua tendo em vista a noção de adequação (em vez da dicotomia “certo × errado”); em uma abordagem que privilegia a variação linguística” (Cereja; Vianna, 2022, p. III). Porém, da análise realizada, constatamos que as poucas atividades de análise linguística não dão conta de promover a integração das práticas de estudo. Além disso, a abordagem da variação linguística presente nos três livros não é suficiente para desconstruir as noções de “certo e errado” em relação à adequação dos usos linguísticos aos diferentes contextos de comunicação.

A partir desse ponto, fazemos um contraponto entre os resultados da nossa análise com as orientações curriculares presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do componente Língua Portuguesa, mais especificamente voltada para os Anos Finais do Ensino Fundamental. No documento da BNCC, faz-se referência ao estudo da norma-padrão articulados aos demais eixos de integração das práticas de linguagens, por meio de “[...] abordagens linguística, metalinguística e reflexiva ocorrem sempre a favor da prática de linguagem que está em evidência nos eixos de leitura, escrita ou oralidade” (Brasil, 2018, p. 139).

O documento da BNCC menciona que um dos objetos de conhecimento proposto para os 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental é o estudo da variação linguística. Aqui mencionamos, por exemplo, a habilidade (EF69LP55), que frisa a necessidade do reconhecimento das “[...] variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico”, e a habilidade (EF69LP56), acerca do ensino da variação nas aulas de Língua Portuguesa no tocante à importância de os alunos fazerem “[...] uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada” (Brasil, 2018, p. 161).

Bagno (1999) já defendia há décadas que a variação linguística deveria ser objeto de ensino da língua, a fim de construir uma educação linguística nas escolas que não desconsidere os modos de usos da língua falada por grupos sociais que representam a diversidade cultural do povo brasileiro. Além disso, se considerarmos que usamos a língua de forma variada, não faz sentido insistir no trabalho apenas com

uma das variedades linguística “[...] em detrimento das outras formas de usos da língua que podem ser mais adequadas a determinadas situações” (Travaglia, 2009, p. 41).

Aqui referenciamos Faraco (2008, p. 158) ao afirmar que “[...] só existe sentido em estudar gramática, se esses conteúdos estão claramente subordinados ao domínio das atividades de fala e escrita, isto é, se eles têm efetivamente relevância funcional [...]”. Desse modo, reforçamos a importância dos materiais didáticos de Língua Portuguesa contemplarem de fato propostas de ensino que articulem as diversas práticas de linguagens, as modalidades de uso da língua.

Os resultados da nossa pesquisa demonstram que embora os três livros (do 6º, 7º e 9º ano) mencionem a existência de outras variedades de usos não prestigiados, ao longo dos diversos capítulos, há o predomínio do estudo da variedade linguística padronizada, a norma-padrão. Isso corrobora o que já se sabia há algum tempo, conforme menciona Bortoni-Ricardo (2005), ao dizer que em livros didáticos de Língua Portuguesa ainda que se contemplem o reconhecimento das variedades linguísticas não prestigiados, há de certa forma um reforço “positivo” em relação à variedade de uso padronizada.

Bortoni-Ricardo (2005, p.13) argumenta sobre o valor cultural atribuído à norma linguística de prestígio, ou seja, à norma culta padronizada, “a norma linguística de prestígio, considerada correta, apropriada e bela” ser ainda muito forte e cristalizado na sociedade brasileiras. E nesse caso desta pesquisa, percebemos que poucas questões e/ou atividades ao longo dos três materiais didáticos analisados elegeram o fenômeno da variação linguística como objeto de estudo e análise nas propostas de ensino de Língua Portuguesa.

Em relação ao ensino de Língua Portuguesa nas escolas, Mollica (2013) pondera que não tem como desconsiderarmos a contribuição das pesquisas sociolinguísticas para a reflexão sobre os diferentes usos. As análises das relações entre a língua e as questões sociais devem favorecer a compreensão acerca da atribuição valorativa (positiva ou negativa) em relação aos diferentes usos linguísticos e o combate ao preconceito linguístico. Nessa direção, concordamos com Bortoni-Ricardo ao defender a adoção de uma pedagogia culturalmente sensível à variação e às diferentes variedades linguísticas.

Nosso entendimento é que pelo viés da Teoria da Variação e da Sociolinguística Educacional, é possível reconhecermos que o português usado no

Brasil é uma língua marcada pela heterogeneidade linguística e pluralidade social, cultural e histórica. Segundo Mollica (2009), a língua é heterogênea e multifacetada, pois sua dinamicidade faz parte das relações sociais onde os indivíduos estão inseridos. As variações linguísticas existem e fazem parte do contexto de sala de aula, pois cada aluno carrega consigo seu dialeto, e com isso, o professor se depara com várias formas não somente de falar, mas também de se compreender e perceber a realidade que o cerca.

Aqui referenciamos Bagno (2013) ao dizer que o português brasileiro possui uma ampla variedade linguística por diversos fatores, além da influência de outras línguas. Assim, no *português brasileiro* encontramos uma “[...] diversidade regional, social, etária, profissional, de gênero etc. num território imenso, numa sociedade altamente complexa [...]”. Nesse sentido, destaca-se como um ponto relevante a discussão sobre essa diversidade linguística no livro didático de Língua Portuguesa.

Nosso entendimento é que analisar as diversas variedades linguísticas é um trabalho importante durante o ensino de Língua Portuguesa. Todavia, conforme Dionísio (2003, p. 78), “[...] somente mencionar a existência das variedades linguísticas não é sinônimo de respeitá-las”. Desse modo, reforçamos a importância dos livros didáticos de Língua Portuguesa contemplarem propostas de estudo da língua que promovam “[...] a reflexão sobre as distintas formas de manifestação de uso da língua, em seus textos e atividades, apresentando a realidade linguística contemplada no português brasileiro” (Andrade, 2023, p. 111).

Por fim, reforçamos também a necessidade de os professores de Língua Portuguesa escolherem de fato livros didáticos cujas propostas possibilitem um trabalho reflexivo com as diferentes práticas de linguagens e o estudo dos diversos usos linguísticos. Partindo de uma concepção de língua fundamenta nos pressupostos da Sociolinguística, argumentamos a favor do estudo do fenômeno da variação linguística nas aulas de LP, a partir de atividades práticas de análise e reflexão sobre as variedades linguísticas e o combate aos mitos e às diferentes formas de preconceitos linguísticos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo geral da nossa pesquisa, que foi analisar a abordagem da variação linguística em livros didáticos de Língua Portuguesa dos Anos Finais do Ensino Fundamental, apresentamos as reflexões finais, a partir dos resultados da análise descritiva das propostas de estudo nos materiais (6º, 7º e 9º ano) da coleção “Português: Linguagens”, aprovada pelo Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD), vigência 2024-2027.

Da análise realizada em relação à abordagem da variação, percebemos que cada material da referida coleção contempla uma proposta diferente. O livro do 6º apresenta uma discussão conceitual mais aprofundada sobre o fenômeno da variação linguística. Por outro lado, os livros do 7º e 9º anos focam atividades de análise por meio de exercícios sobre variação linguística.

Em relação à identificação dos aspectos conceituais acerca da variação linguística, observamos que o livro didático do 6º apresenta uma introdução sobre as variedades e dos fatores motivadores da mudança, além das distinções entre norma-padrão, variedades de prestígio e das formas de preconceito linguístico. Porém, quando verificamos as propostas de estudo presentes nas atividades de análise linguística, constatamos que os exercícios não exploram com profundidade a reflexão dos conceitos apresentados.

A seção que se destina ao estudo da variação linguística, especialmente nos livros do 7º e do 9º ano, ainda que tenha como título “Análise linguística”, não possui atividades que aprofundem a análise e reflexão dos aspectos relativos à variação/diversidade linguística. A análise descritiva relevou que as atividades da seção “A língua em foco” nesses dois livros didáticos estavam voltadas para a identificação das variações geográficas relacionadas aos falantes do português no Brasil e em países de outros continentes.

No que diz respeito às propostas de reflexão dos livros didáticos acerca dos usos diversos linguísticos e o currículo de ensino da Língua Portuguesa, observamos um ponto comum nos três analisados, que foi destinar apenas um capítulo para contemplar a abordagem da variação linguística como objeto de conhecimento, uma vez que nos demais capítulos a ênfase das atividades da análise linguística foi o estudo norma-padrão, com ênfase no estudo dos aspectos linguísticos da gramática normativa (sintaxe, morfologia, semântica, etc.).

Pensando o ensino de Língua Portuguesa nas escolas públicas brasileiras que utilizam esses livros didáticos disponibilizados pelo Programa Nacional do Livro e Material Didáticos (PNLD), dizemos que as atividades práticas propostas pouco direcionaram o trabalho dos professores na promoção de uma reflexão crítica com os alunos acerca dos aspectos sociais, culturais e históricos que se relacionam a existência de inúmeras variedades linguísticas no português falado no Brasil.

Aqui mencionamos ainda a importância dos livros/materiais didáticos usados pelos professores de Língua Portuguesa contemplarem, de fato, atividades que propiciem uma reflexão sobre o fenômeno da variação linguística, não somente um único capítulo ou seção, mas em várias atividades ao longo do material. Nesse sentido, reforçamos a importância dos professores na condução do estudo das variedades linguísticas, a fim de combater as formas de manifestação de preconceito linguístico que ainda estão presentes na escola e no contexto social dos alunos.

Por fim, frisamos a relevância deste estudo e de novas pesquisas que possam problematizar o ensino da variação linguística no âmbito educacional. A partir de novos estudos, podem surgir outras discussões sobre os pressupostos da Sociolinguística (Variacionista e Educacional) correlatos ao ensino, bem como ampliar o debate acerca das implicações das diretrizes nacionais, seja do ponto de vista do currículo proposto nos livros didáticos, seja em relação às práticas de ensino de Língua Portuguesa no contexto escolar.

## REFERÊNCIAS

ALKMIN, T. Sociolinguística - parte I. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. B. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínio e fronteiras**, v. 1. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BAGNO, M. **Português ou brasileiro?**: um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

BAGNO, M. **Dramática da Língua Portuguesa**: tradição gramatical, mídia & exclusão social. São Paulo, Edições Loyola, 2005.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editora, 2007.

BAGNO, M. Apresentação da edição brasileira. LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

BAGNO, M. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, M. **Sete erros aos quatro ventos**: a variação linguística no livro de português. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAGNO, M. **Língua, linguagem, linguística**: pondo os pontos nos ii. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: edições Loyola, 1999.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BEZERRA, M. A. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. *In*: DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual da sociolinguística**. 1 ed. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD)**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnld/>. Acesso em 08 de out. de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. *In*: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (orgs.). **Sociolinguística**. Trad. Elizabeth Neffa Araújo Jorge Rio de Janeiro: Eldorado, 1974 [1964].

COSTA, C. S. S. M. Variação/Diversidade Linguística, Oralidade e Letramento: subsídios para propostas alternativas de ensino de língua materna. *In*: COSTA, C. S. S. M. (Org). **Variação/diversidade linguística, oralidade e letramento: escola e comunidade**. Teresina: EDUFPI, 2014.

COSTA, C. S. S. M.; GOMES, Y. L. S. G. *In*: COSTA, C. S. S. M.; LOPES, I. A.; GOMES, Y. L. S. (Org). **Letramento(s), variação/diversidade linguística e ensino: as múltiplas faces**. Teresina: EDUFPI, 2015.

DIONÍSIO, A. P. Variedades linguísticas: avanços e entraves. *In*: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GOMES, Y. L. S. **O ensino de língua materna na perspectiva da sociolinguística: um estudo etnográfico numa escola pública de Teresina - PI**. Teresina, 2010

GOMES, Y. L. S. Ensino de língua e variação linguística: uma análise de livros didáticos de português. *In*: COSTA, C. S. S. M. (Orgs.). **Olhares Sociolinguísticos: variação e interação**. Teresina: EDUFPI, 2011.

GOMES, Y. L. S. Crenças e Variação Linguística: uma Análise sob a Ótica da Complexidade. **DEBATES EM EDUCAÇÃO**, v. 9, p. 45, 2017.

GOMES Y. L. S., SILVA, R. de C. A.; OLIVEIRA, J. S. G. A variação linguística em livro didático de Língua Portuguesa. **Web Revista Sociodialeto**. v.10, n.29, 16–30, 2020.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Volume 3 Cognitive and cultural. UK: Wiley-Blackwell, 2010.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, R. J. Variação linguística e os livros didáticos de português. *In*: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2016.

LOPES, I. A Variação linguística e ensino de língua portuguesa: alguns pressupostos básicos. *In*: COSTA, C. S. M. *et al.* (Org). **Linguística e ensino de língua portuguesa**. Teresina: EDUFPI, 2000. p. 71-91.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e Ensino de Língua: uma questão pouco falada. *In*: DIONÍSIO, A. P. D.; BEZERRA, M. A. **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2016.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4 ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

MORAES, R; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. 3. Ed. Unijuí, 2016.

NASCIMENTO, J. F.; CARVALHO, A. P. L.; MONTEIRO, I. J. M. Variação linguística e ensino da língua materna: um estudo em Picos - PI. *In*: COSTA, C. S. S. M.; LOPES, I. A.; GOMES, Y. L. S. (Org). **Letramento(s), variação/diversidade linguística e ensino**: as múltiplas faces. Teresina: EDUFPI, 2015.

PATRIOTA, L. M. A gíria nos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. **Graphos – Revista da Pós-graduação em Letras – UFPB**. João Pessoa, v. 6, N. 2/1, 2004. p. 51-64. Disponível em:  
<<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/viewFile/9534/5182>

RANGEL, E. Livro didático de Língua Portuguesa: o retorno do recalcado. *In*: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia da Pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

WELLER, W.; PFAFF, N. (Orgs.). **Metodologias da Pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TARALLO, F. **A pesquisa Sociolinguística**. 2 ed. São Paulo, Ática, 1986.

TARALLO, F. Reflexões sobre o conceito de Mudança linguística. **Organon**, Porto Alegre, v. 5, n. 18, 2013. Disponível em:  
<https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/39119>. Acesso em: 21 maio. 2024.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação**: uma proposta de ensino de gramática. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2009.